

# América Latina:

# Um giro à esquerda?



**Leia nesta edição**

**Editorial pg. 2**

## **Tema de capa**

### **Entrevistas**

**Atilio Borón:** O rotundo fracasso do neoliberalismo **pg. 3**

**Luis Tapia Mealla:** A busca de novas formas de governo **pg. 7**

**John Holloway:** O movimento zapatista e a outra campanha **pg. 10**

**Reinaldo Gonçalves:** A tragédia do governo Lula **pg. 13**

**Ricardo Ffrench-Davis:** « Devemos passar do financeirismo ao produtivismo » **pg. 15**

**José Comblin:** Uma radiografia da América Latina **pg. 18**

**Dom Pedro Casaldáliga:** « Exigimos outra democracia » **pg. 23**

**Dom Samuel Ruiz:** A força dos povos indígenas na América Latina **pg. 26**

## **Destaques da semana**

### **Entrevista da Semana:**

**Marcel Gauchet:** Os franceses ainda acreditam na política e no Estado **pg. 30**

### **Destaques on-line:**

**Alain Gignac:** Paulo de Tarso e os filósofos contemporâneos **pg. 32**

**Lothar Hoch:** “O Cristianismo não tem o monopólio da verdade” **pg. 39**

### **Deu nos jornais:**

**pg. 43**

### **Frases da Semana:**

**pg. 45**

## **IHU em revista**

**Eventos pág. 47**  
**IHU Repórter pág. 58**  
**Sala de Leitura pág. 60**  
**Carta do Leitor pág. 61**

## América Latina: um giro à esquerda?

Eleições no Peru, México e Brasil. Novos presidentes assumem os governos no Chile e na Bolívia. E as eleições latino-americanas manifestam que algo se move no nosso continente. Um giro à esquerda? Forte? Leve? Enfim, o que muda?

As entrevistas com o sociólogo argentino Atilio Borón, com o cientista político boliviano Luis Tapia Mealla, com John Holloway, com os economistas Reinaldo Gonçalves e Ricardo Ffrench-Davis, brasileiro e chileno, respectivamente, com José Comblin, teólogo, atento observador da América Latina, e com os bispos Pedro Casaldáliga e Samuel Ruiz, contribuem para uma melhor compreensão do movimento político, social, econômico e religioso latino-americano.

Por sua vez, Alain Gignac, intelectual canadense, continua nesta edição a debater a contemporaneidade de Paulo de Tarso, tema de capa da edição anterior.

Também nos alegramos com os 60 anos da Escola Superior de Teologia - EST. Uma entrevista com Lothar Hoch, atual diretor, fala do significado da sua história e suas perspectivas.

**Proudhon** é o tema de uma nova etapa do 2º **Ciclo Repensando os Clássicos da Economia** e estará sob a responsabilidade do Prof. Dr. Aloísio Teixeira, reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A todas e todos, uma ótima leitura e uma excelente semana!

# O rotundo fracasso do neoliberalismo

## Entrevista com Atilio Borón



Atilio Borón é sociólogo argentino. É professor titular de Teoria Política e Social da Faculdade de Ciências Sociais na Universidade de Buenos Aires desde 1986 e do Programa em Ciências Sociais e Relações Internacionais da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em Buenos Aires. Lecionou em diversas universidades mexicanas. É investigador do CONICET, secretário

executivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Licenciou-se em Sociologia pela Universidade Católica da Argentina, é mestre em Ciência Política pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em Santiago, Chile, e Ph.D. em Ciência Política pela Universidade de Harvard.

Escreveu os livros *Tras el búho de Minerva. Mercado contra democracia en el capitalismo de fin de siglo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/CLACSO, 2000; *Imperio & Imperialismo. Una lectura crítica de Michael Hardt y Antonio Negri*. Buenos Aires: CLACSO, 2002; *Filosofía Política Marxista*. São Paulo: Cortez, 2003; *Estado, capitalismo y democracia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. Confira a seguir a entrevista que Borón concedeu à *IHU On-Line* por telefone.

### ***IHU On-Line - Como o senhor descreveria as mudanças que estão acontecendo na esquerda, particularmente na América Latina?***

**Atilio Borón** - Em primeiro lugar, está acontecendo um esgotamento do modelo neoliberal. Esse modelo fracassou rotundamente em todos os países da América Latina. Os dois casos que supostamente seriam de maior sucesso, que são Chile e México evidenciam também esse fracasso. O que importa nos dois casos é o aumento das exportações. Uma certa presença - sempre marginal - no campo das exportações mundiais, mas como padrão de crescimento não houve melhoras, inclusive, o Chile, depois de 33 anos de aplicação de políticas neoliberais, tem um 20% da população abaixo da linha da pobreza e outro tanto que está apenas acima da linha da pobreza. E estamos falando do caso de maior sucesso na América

Latina. No caso do México, entre 1985 e 2005 teve que expulsar 10 milhões de mexicanos para os EUA e graças a essa expulsão, nesses últimos 20 anos, o ingresso *per capita* permaneceu igual, ou seja, não houve crescimento. Embora o neoliberalismo se impusesse política e ideologicamente como parte de uma maquinaria propagandística, na volta do século começou a provocar sinais de rebeldia na Argentina, no Brasil, Bolívia, Venezuela, Uruguai e foi mudando lentamente o clima político da região. Ainda não ingressamos na era do pósliberalismo, fora países como Venezuela, Bolívia e, é claro Cuba, que nunca esteve afetada por essa doença. Acho que estão sendo criadas condições para que deixemos para trás essa página, sem dúvida, a mais escura de nossa história.

***IHU On-Line - A esquerda foi se contaminando pelo contexto neoliberal?***

**Atilio Borón** – Houve, sim, um processo de contaminação. Há dois casos notáveis de contaminação do discurso neoliberal: Chile e Brasil. No caso do Chile, a Concertação<sup>1</sup>, especialmente o Partido Socialista, hegemônico na Concertação, converteu-se em um partido neoliberal. No caso do Brasil, o governo do PT que chegou ao poder com uma proposta de mudar a política econômica de finais da década de 1980, agravada no governo de Fernando Henrique Cardoso, avançou resolutamente pela via do neoliberalismo. Foi a grande frustração da América Latina, porque se havia um país do qual se esperava que tomasse a bandeira de uma luta pós-liberalista, esse país era o Brasil. Lamentavelmente, essa contaminação ideológica, essa crença absurda na magia dos mercados, a importância da valorização financeira colocando taças de juro absolutamente exorbitantes e fora de todo registro, frustrou essa expectativa. Dessa forma, gerou-se o mal-estar social e político que há hoje no Brasil. Uma frustração política que jogou fora um processo de construção política de 20 anos do PT.

### **As três esquerdas na América Latina**

O impacto para a esquerda tem sido muito forte e frente a isso podemos falar em três esquerdas. Uma muito sectária que não se atualizou e se mantém aferrada a velhos esquemas e dogmas. É um setor minoritário, condenado à irrelevância por seu sectarismo e fundamentalismo. É o caso da Argentina, Peru, Equador, e outros onde a esquerda não consegue fórmulas renovadoras e superadoras.

Em segundo lugar, uma esquerda que tem capitulado: os casos mais notáveis são Chile e Brasil e, em alguma medida Uruguai. Em terceiro lugar uma nova esquerda, representada por um conjunto de forças políticas novas e muito heterogêneas como o bolivarianismo na Venezuela e o MAS<sup>2</sup> na Bolívia. Uma esquerda seriamente renovada.

<sup>1</sup> O termo concertação vem de uma experiência portuguesa. O termo significa a busca de um novo contrato social para construirmos um país economicamente forte e socialmente justo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> O Movimento ao Socialismo (MAS) - que tem raízes entre os indígenas e os produtores de coca do país - se

### ***IHU On-Line* - É na nova esquerda que se situam os movimentos que procuram uma democracia mais direta?**

**Atilio Borón** - Sim, são buscas. A democracia representativa em países como Argentina, Brasil e México referem-se apenas a seus grandes interesses econômicos. Quando eu olho para as nossas democracias, posso dizer delas qualquer coisa menos que são representativas. A quem representa hoje a democracia? Apenas ao capital financeiro e ao capital bancário. Essa afirmação vale para Brasil, Argentina, México, Chile. A tentativa dos novos movimentos sociais por conseguir uma forma de expressão democrática à margem do processo representativo é um dos caminhos pelos quais se procura a recriação da vida democrática no Continente.

### ***IHU On-Line* - Kirchner mostrou-se mais resistente às pressões do FMI que Lula e Vázquez? Esperava-se o contrário, não acha?**

**Atilio Borón** - Compartilho seu diagnóstico. Acho que, lamentavelmente, Lula não deu certo. Embora Kirchner não represente uma diferença muito grande em relação a Lula, em algumas questões mostraram diferenças em relação à dívida externa e a relação com o capital financeiro. Nesse sentido, Kirchner teve uma postura política mais razoável. Mas, na realidade essa postura não é de surpreender porque há um importante fato de massas de todo este período histórico na Argentina que foram os movimentos de dezembro de 2001<sup>3</sup>. Acontecimentos esses que não tiveram lugar no Uruguai ou no Brasil. Na Argentina, o fato de 29 de dezembro de 2001 foi uma espada de Damocles sobre o governo Kirchner. O presidente argentino, além de sua retórica, que sempre foi mais radical que a de Lula e Vázquez teve que

consolidou como uma força política em ascensão. Seu líder, Evo Morales, é apontado neste momento como o mais forte candidato à Presidência, no pleito de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> Os denominados “piqueteros” argentinos cobraram notoriedade internacional em dezembro de 2001, quando contribuíram decisivamente à queda do governo do presidente De La Rúa. (Nota da *IHU On-Line*)

avançar não só no plano da retórica, também no plano da condução da política econômica. Ele sabia da ameaça de insurgência popular tão grande como a que experimentou a Argentina em 2001, caso ele ficasse só no plano da retórica. Nem Tabaré [Vázquez] nem Lula tiveram essa ameaça, portanto eles cederam às pressões dos grandes centros internacionais de poder, o capital transnacional, o consenso de Washington e seus diferentes artifícios.

***IHU On-Line - Como o senhor avalia o atual conflito Uruguai-Argentina que se prolonga desde final de 2005 pela instalação de duas plantas de celulose na cidade uruguaia de Fray Bentos, fronteira com Argentina?***

**Atilio Borón-** Um conflito muito lamentável que fala da tremenda fraqueza do Mercosul. Isso não teria acontecido se o Mercosul fosse algo mais que um convênio para favorecer as grandes empresas e os grandes oligopólios radicados no Brasil e na Argentina. Acho que, por um lado, o governo do Frente Amplio<sup>4</sup> abandonou seu programa, porque no tempo do antecessor de Vázquez, Jorge Batlle, o Frente Amplio era contrário à possibilidade do governo assinar acordos com as fábricas de papel. Lamentavelmente, produto talvez, do desespero, uma vez que o Frente Amplio assumiu o governo decidiu ceder às pressões dos grandes conglomerados de papel irlandeses e espanhóis. É uma pena muito grande, mas deve ser considerado em favor do Uruguai e Paraguai que foram países aos quais nem Argentina nem Brasil prestaram nunca a mínima ajuda, e isso, de alguma forma, precipitou esse conflito.

**O fim do Mercosul?**

Se o Uruguai tivesse contado com a solidariedade de Brasil e da Argentina não só teria se evitado o conflito, teriam se criado também condições econômicas mais favoráveis para o desenvolvimento da economia uruguaia. O Uruguai não estaria, como está hoje, a ponto de romper com o Mercosul, estabe-

lecendo um acordo com os EUA que, na prática, significa quase o atestado de óbito do Mercosul. Eu vejo tudo isso com muita preocupação e muito aborrecimento também, porque mostra um olhar muito estreito da parte dos governos da Argentina e Brasil que não souberam ajudar nem o Uruguai nem o Paraguai. É por isso que o Paraguai, em troca de dez milhões de dólares, cede a base militar de Estigarribia que existe basicamente para monitorar o que está acontecendo no Brasil e na Argentina. Por essa mesma falta de ajuda e solidariedade, o Uruguai se viu condenado a negociar, em condições absolutamente desfavoráveis, com as fábricas de papel que estão dispostas a envenenar o meio ambiente como o fizeram na Europa e por causa disso foram expulsas de lá. Os vizinhos argentinos a Fray Bentos reagiram com toda lógica, em defesa do meio ambiente, porque quem viveu perto de fábricas de papel sabe muito bem que elas envenenam as águas e o ar.

***IHU On-Line- Podem surgir outras alianças regionais sob liderança da Bolívia ou da Venezuela, por exemplo?***

**Atilio Borón-** Acho que sim, mas tanto Brasil quanto Argentina estão reagindo com muita cautela às propostas do presidente Chávez. Sabe-se que a voz do amo ressoa com muita força em Buenos Aires e Brasília e como Washington não gosta de que se armem formas de integração com a Venezuela, os dois países estão agindo de forma muito lenta no processo de integração econômica com a Venezuela e a Bolívia. Teremos que ver se a dinâmica dos acontecimentos não leva estes países a tomar mais a sério as propostas venezuelanas que seria uma forma de superar as limitações do Mercosul e da qual a crise Argentina-Uruguai é um exemplo terrível.

***IHU On-Line - O que podemos esperar de Evo Morales?***

**Atilio Borón -** Muitas coisas, na medida em que ele não seja abandonado à sua sorte por países como Brasil e Argentina que deveriam apoiá-lo. Morales tem muito boas intenções. É um país que vive uma crise política que leva muitos anos, tem intenções muito

<sup>4</sup> Frente Amplio: coalizão de partidos políticos de esquerda que levaram Tabaré Vázquez à Presidência do Uruguai em 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

nobres mas também grandes limitações se não tiver a cooperação dos nossos países. Uma das empresas maiores que opera na Bolívia é a Petrobras e até o momento a Petrobras se comportou como uma companhia petroleira a mais, não como a companhia petroleira de um Estado amigo da Bolívia. Então teremos que esperar e observar como vai reagir a Petrobras diante das propostas de mudança que seguramente vai fazer Evo Morales.

**IHU On-Line - Ainda terão eleições vários países no Continente, como o processo eleitoral atual no Peru, e, em julho, no México. Pode haver mudanças significativas no cenário político da América Latina?**

**Atilio Borón** - Acho que sim. Vai se consolidar um giro muito leve à esquerda. Estamos passando de governos de direita e centro-direita a governos mais ou menos centristas, mas a bússola se mexeu levemente para a esquerda. São países que, pelo menos, têm propostas que fazem difícil a imposição das políticas que propõem os EUA porque há uma maior resistência e são governos que, em muitos casos, não manifestam uma preocupação muito grande pelo bem estar dos seus cidadãos, porque senão agiriam de outra forma, mas pelo menos devem fazer um compromisso retórico de lutar contra as injustiças do neoliberalismo. Em segundo lugar, porque sobra espaço de manobra aos EUA. Uma coisa é os EUA à cabeça de uma região com governos totalmente entregues a eles e outra coisa é uma região com governos que, inclusive no caso de Kirchner, que não é antiimperialista, mas pelo menos são governos que põem limites à ação dos EUA. A política exterior tem sido muito mais positiva no Brasil que sua política interna, com o risco do que muitos estudiosos chamam de efeito Gorbachev.

**Eleições, tendência à mudança**

Na União Soviética, Gorbachev era muito mais popular fora que dentro. No caso do

Brasil, colhe-se mais simpatia fora que dentro, porque as políticas internas mantêm a exclusão, não combatem suficientemente a injustiça, mas ainda assim, para os EUA, um governo Lula, o que pode ser um governo de López Obrador, no México, Alain García no Peru, Kirchner na Argentina, Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, representa uma região que, claramente não a podem manejar como o faziam nos anos 1990 em que, os EUA faziam um estalo de dedos e estavam todos os presidentes alinhados para servir no que fosse preciso. Os atuais presidentes servem em muitas coisas, mas não em todas.

Considero que as eleições implicam uma tendência à mudança, mas para que esta mudança seja significativa há que avançar muito mais. Avançar aperfeiçoando os mecanismos democráticos muito frágeis que há na América Latina e que fazem possível que poucos setores das nossas sociedades como o grande capital, as grandes empresas multinacionais prevaleçam dia-a-dia sobre os interesses populares de nossos países. Melhorando isso, dinamizando os movimentos sociais, produzindo políticas públicas que resolvam alguns de nossos problemas pendentes a democracia vai ser mais firme com maior capacidade de autodeterminação nacional e, portanto, de construir sociedades melhores.

O caso da reforma agrária é paradigmático. Que, num país como Brasil ainda hoje, a reforma agrária ainda não tenha sido resolvido é um escândalo. Nos governos anteriores, até dava para entender, mas que o governo do PT não tenha dado um salto na direção da reforma agrária, no Brasil, um dos países maiores em território, com enormes quantidades de terra que poderiam ser distribuídas aos camponeses e pequenos agricultores é absolutamente inexplicável, salvo pelo peso fenomenal que um grupo de privilegiados tem na condução dos assuntos do Estado no Brasil. E isso é absolutamente intolerável.

# A busca de novas formas de governo

## Entrevista com Luis Tapia Mealla



Luis Tapia Mealla é filósofo, doutor em Ciência Política e coordenador do programa de doutorado em Ciências do Desenvolvimento da Universidade Maior de San Andrés (UMSA), na Bolívia, e da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). É autor de, entre outros, *La condición multisocietal : multiculturalidad, pluralismo, modernidad*. La Paz : Muela del Diablo Editores: CIDES-UMSA, 2002; *Ethos político en la biblia*. La Paz, CIDES UMSA, 2002, escrito com Cleto Perez Ma-mani; *Conflicto fiscal en la democratización contra el estado de derecho neoliberal*, inserido em *Retos para la democracia en la coyuntura*. La Paz: Ediciones FBDM, 2003 e *Por el sí, por el no. Análisis de resultados del referendun 2004*. La Paz: Corte Nacional Electoral, 2004.

A entrevista que segue foi concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Nela, Mealla disse que talvez uma das tendências das eleições que ainda estão por vir este ano em todo continente latino-americano é o “crescimento das forças de esquerda e nacionalistas, que talvez não se tornem governo, mas que se convertam na segunda força principal que pode conter o avanço das políticas neoliberais. Um possível resultado positivo seria bloquear o avanço dos tratados de livre comércio”. Confira os principais trechos da entrevista.

### ***IHU On-Line* - Quais são as suas expectativas sobre o novo governo na Bolívia?**

**Luis Tapia Mealla** - É muito difícil falar com certeza das perspectivas, uma vez que o governo não anunciou ainda uma política econômica e não expôs seu plano de desenvolvimento. Foi anunciado que logo se fará a nacionalização dos hidrocarbonos, mas não sabemos em que condições será feita. O MAS<sup>5</sup> recebeu o apoio eleitoral para realizar principalmente duas coisas: nacionalização e assembléia constitu-

inte. Esse é o horizonte político do próximo período na Bolívia. São as tarefas que o governo do MAS deve cumprir. Sobre a assembléia constituinte, o começo tem sido péssimo, com a aprovação do tipo de lei de convocatória que se tem feito, que implica selecionar os constituintes pela maioria. O mais provável é que fiquem fora dela os que tinham imaginado e generalizado a demanda da assembléia constituinte e o seu conteúdo, e o resultado seja mais conservador, mais parecido com uma simples reforma constitucional, sobretudo no tema do regime de propriedade sobre recursos naturais. O que tem mudado e seguirá mudando provavelmente é o pessoal do estado, o que implica uma mudança nas classes sociais que ocupam o executivo.

<sup>5</sup> **MAS:** Movimento ao Socialismo, que tem raízes entre os indígenas e os produtores de coca do país. Seu líder, Evo Morales, é o atual presidente da Bolívia. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Quais são as principais mudanças pelas quais estão passando as esquerdas na América Latina?**

**Luis Tapia Mealla** - Parece que a principal mudança em uma parte da esquerda na maioria dos países da América Latina é que os partidos estão passando por um processo de incorporação ao horizonte liberal do Estado e da sociedade, no qual como produto de uma longa acumulação de forças sociais e políticas populares podem chegar ao poder executivo dos estados nacionais, mas uma vez nele são forças absorvidas pela determinação institucional do estado capitalista e o modo como se inserem no sistema mundial. A esquerda chega ao governo como uma forma de desenvolvimento da autonomia relativa da política e do Estado, mas uma vez nele sucumbe às determinações estruturais do caráter classista do tipo de sociedade e de Estado.

Há outra esquerda, em geral não-partidária, que se está movendo junto às forças antiprivatização no Continente, e é a que fez impossível as vitórias eleitorais da esquerda partidária que está conseguindo desmontar em parte o caráter de modelo sem alternativa que tinha o neoliberalismo no Continente. Existe outra esquerda, como a de Chávez, que está em um processo de construção de um Estado-Nação e de distribuição da riqueza no sentido de gerar suas bases econômicas e sociais, que é o mais substantivo que está em curso.

***IHU On-Line*- Ao longo deste ano haverá, ainda, eleições em vários países do Continente. Pode haver grandes mudanças no cenário político?**

**Luis Tapia Mealla** - Parece que uma tendência é haver um crescimento das forças de esquerda e nacionalistas, que talvez não se voltem ao governo, mas que se convertam na segunda força principal que pode conter o avanço das políticas neoliberais. Um possível resultado positivo seria bloquear o avanço dos tratados de livre comércio.

***IHU On-Line* - O senhor acha que os partidos políticos se desgastaram?**

**Luis Tapia Mealla** - Os partidos se tornaram durante os anos 1980 e 1990 parte das estruturas de exclusão que organizou o neoliberalismo. Isso continua, em grande parte, hoje. Alguns partidos têm servido como forma de organização de trabalhadores urbanos e camponeses, que, por sua vez, estão produzindo uma nova onda de inclusão política e de renovação do mesmo sistema de partido, ao injetar-lhe mais representatividade, como hoje na Bolívia. Mas, em todo caso, este crescimento partidário tem acontecido por lutas políticas provenientes de outros espaços e formas de vida política caracterizadas pela democracia direta, pela deliberação e pela rotação e pela substituição de representantes. No caso boliviano, a renovação do sistema de partidos veio como resultado do desenvolvimento da vida política nestes outros espaços de democracia direta nos sindicatos agrários, nas juntas das vizinhanças e nas diversas formas de organização dos trabalhadores e setores populares, que primeiro deixaram em forte crise o sistema de partidos e logo o renovaram ao canalizar seu apoio a um dos partidos que aparece por agora como o representante dos trabalhadores. Não posso generalizar a mesma opinião para o resto da América Latina.

***IHU On-Line* - Como se poderia dese-  
nhar, na perspectiva atual, uma forma  
de governo comum, composta com os  
melhores elementos de cada uma das  
histórias dos diferentes povos?**

**Luis Tapia Mealla** - Acredito que se deve ir da construção local à construção de níveis de articulação maior, tendo em conta que há especificidades em cada país. Tenho uma idéia de como fazê-lo na Bolívia, mas não ainda em cada região. Para o caso da Bolívia, considero que para conseguir igualdade entre os povos e culturas deve-se compor uma forma de governo que contenha formas de autogoverno de cada um dos povos na estrutura e nos processos da tomada de decisões legislativas e executivas na política macronacional

ou multicultural, o que implica combinar critérios comunitários de ampla deliberação na base de toda decisão, rotação de autoridades, não devendo as autoridades públicas serem escolhidas pelos partidos.

***IHU On-Line - Que papel caberia aos movimentos sociais?***

**Luis Tapia Mealla** - Considero que a principal contribuição que os movimentos sociais têm feito na América Latina tem sido suas lutas contra a privatização transnacional dos recursos naturais e os bens e serviços públicos. Assim, têm aberto um horizonte de alternativas que os partidos não ofereciam como possibilidade. Para frente acredito que esta seguirá sendo sua força, questionar todas as formas de controle monopólico do público e deixar em evidência a cumplicidade dos sistemas de partidos nestes processos de concentração da riqueza.

***IHU On-Line - Onde estão atualmente os principais riscos para a América Latina?***

**Luis Tapia Mealla** - Considero que o maior risco para a América Latina é a assinatura dos tratados de livre comércio com os Estados Unidos, que implicaria comprometer e cancelar toda possibilidade de redemocratização das economias e estados no continente. Outro perigo é a intervenção militar nos países que avancem um pouco mais na renacionalização dos recursos naturais.

***IHU On-Line - Acredita que pode ser possível uma aliança entre Bolívia, Brasil e Venezuela, países com poderosas fontes de energia?***

**Luis Tapia Mealla** - Acredito que esta aliança é desejável, mas na medida em que as empresas estatais de energia funcionam como empresas com lógica capitalista, em particular as do Brasil, não creio que se consiga este tipo de aliança.

# O Movimento Zapatista e a outra campanha



## Entrevista com John Holloway

Nascido em Dublin, na Irlanda, John Holloway doutorou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Edimburgo, Escócia, onde lecionou de 1972 a 1998, tendo-se diplomado ainda em Altos Estudos pelo Collège d'Europe. Transferido em 1993 para a Universidade de Puebla, no México, Holloway entrou em contato com a experiência zapatista e vislumbrou nela a possibilidade de ver rompida a gaiola global do poder imperial do capital. Atualmente, é professor no Instituto de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Autônoma de Puebla, no México. *IHU On-Line* realizou duas entrevistas com John Holloway, publicadas na 89ª edição de 12 de janeiro de 2004 e na edição 129ª de janeiro de 2005. Na mesma edição, consta uma resenha do livro do autor *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Viamundo, 2003. Na edição 104ª, de 7 de junho de 2004, publicamos um resumo da referida obra. Holloway, que foi entrevistado por e-mail, é também autor de, entre outros livros, *Marxismo, Estado y Capital*. Buenos Aires: Tierra del Fuego, 1994; *Zapatista! Reinventing Revolution in Mexico* (com Eloína Peláez). London: Pluto Press, 1998; *Keynesianismo, una peligrosa ilusión*. Buenos Aires: Herramienta, 2003.

### ***IHU On-Line* - Como o senhor avalia as mudanças pelas quais passou o Movimento Zapatista?**

**John Holloway** - A *Sexta Declaração*<sup>6</sup> e a *Outra Campanha*<sup>7</sup> são passos fundamen-

tais no desenvolvimento do Zapatismo<sup>8</sup>. Os zapatistas saíram de sua área de Chiapas e as andanças atuais do subcomandante Marcos (Delegado Zero<sup>9</sup>) por todo o país é o primeiro passo para a dinamização de outro tipo de política em todo o

<sup>6</sup> O movimento zapatista vive uma nova fase. E lança mão de uma nova estratégia. Em junho de 2005, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) divulgou a *Sexta Declaração* da Selva Lacandona, abandonando a busca do poder pela via eleitoral e apostando na consolidação da sociedade civil para pressionar o Estado, seja qual for o partido no governo. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>7</sup> No dia 2 de janeiro de 2006, um comboio zapatista saiu em turnê na busca de difundir a *Outra Campanha*, uma iniciativa extraparlamentar "desde baixo e à esquerda" que pretende se contrapor às campanhas eleitorais para a presidência do México. A anticampanha quer construir uma ampla coalizão que congregue grupos rurais e urbanos em torno de uma plataforma "anticapitalista e de esquerda". (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> O Movimento Zapatista inspirou-se na luta de Emiliano Zapata contra o regime autocrático de Porfirio Díaz que desencadeou a Revolução Mexicana em 1910. Os zapatistas tiveram mais visibilidade para o grande público a partir de 1 de janeiro de 1994 quando se mostraram para além das montanhas de Chiapas com capuzes pretos e armas nas mãos, dizendo *Ya Basta!* (Já Basta!) contra o NAFTA (acordo de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá) que foi criado na mesma data. O movimento defende uma gestão democrática do território, a participação direta da população, a partilha da terra e da colheita. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> Nova alcunha do subcomandante Marcos, líder do movimento Zapatista. (Nota da *IHU On-Line*)

país. Pela primeira vez, estão dizendo explicitamente que seu movimento é anticapitalista e não somente contra o neoliberalismo, e que sua luta é de todos que estão contra o capitalismo e não somente uma luta indígena. Creio que o que estão fazendo atualmente é único no mundo e de uma importância fundamental não somente para o México, mas para o mundo inteiro. Obviamente é um caminho difícil e complexo.

***IHU On-Line - As mudanças de estratégias do Exército Zapatista poderiam ter levado o Movimento para uma institucionalização e desvio do carisma original?***

**John Holloway** - De maneira nenhuma. A *outra campanha* é, na realidade, um movimento de desinstitucionalização, uma abertura bastante arriscada. Não acredito que haja uma perda de carisma, mas sim, possivelmente, um processo de desmistificação deles próprios que me parece muito saudável. O fato de Marcos participar em reuniões públicas todos os dias o faz menos misterioso talvez e sobretudo nos enfrenta diretamente com nossa própria responsabilidade no processo de rebeldia. Já não é possível pensar nos zapatistas como “eles”, um grupo de indígenas aí na cidade de Chiapas, já não há pretexto: os zapatistas somos um “nós” que queremos mudar o mundo.

***IHU On-Line - Sua tese de “mudar o mundo sem tomar o poder” se confirma com as mudanças políticas no Continente ou ela está sendo revisitada?***

**John Holloway** - Acredito que é obvio que o futuro da humanidade depende da abolição do capitalismo e a criação de um mundo baseado em relações sociais radicalmente diferentes. Isso não pode ser feito pelo Estado simplesmente porque o Estado é uma forma de organização totalmente integrada ao capitalismo, uma forma de organização que exclui. A única forma de conceber uma revolução anticapitalista é com a construção de fazeres e formas de organização anticapitalistas e

anti-estatais. Com isso não quero dar importância às mudanças políticas atuais no Continente. Os triunfos eleitorais dos partidos de esquerda são resultado do recrudescimento das lutas sociais em toda a América Latina. Os governos podem introduzir reformas que tenham certo impacto nos níveis de vida das pessoas (e isso sim é importante), mas não creio que possam parar as dinâmicas do capitalismo que está destruindo o mundo. A relação destes governos com as lutas sociais é bastante complexa. No geral, a eleição de um governo de esquerda tende a enfraquecer e desmobilizar as lutas sociais, mas não sempre é assim. Mas, finalmente o importante não é como conseguimos mudanças no capitalismo, e sim como criamos outro mundo, e isso não vai ser pelo Estado.

***IHU On-Line - Ainda haverá eleições em diversos países da América Latina. O que podemos esperar na melhor das hipóteses?***

**John Holloway** - A melhor das hipóteses seria que continue o recrudescimento das lutas anticapitalistas, que ganhem os partidos de esquerda, que os governos de esquerda não consigam controlar as lutas, que os movimentos lhes imponham aos governos a obediência à vontade das populações e que se dissolvam as formas de organização que conhecemos como Estados. Mas, na verdade, acredito que não há muita relação entre eleições e “a melhor das hipóteses”.

***IHU On-Line - Onde encontramos, em nosso continente, sinais de mudança sejam elas sociais, econômicas ou políticas?***

**John Holloway** - Encontramos mudanças por todos os lados. No fato de você estar realizando esta entrevista, no fato de alguém a estar lendo neste momento. É claro que há movimentos muito importantes por todos os lados, mas o mais importante é o “Já Basta!” individual e coletivo de que todos compartilhamos.

***IHU On-Line* - O maior problema de nossos governos está nos rumos da política econômica?**

**John Holloway** - O problema maior dos governos em todo o mundo é que sua constituição como governo os opõe às pessoas e à mudança radical da sociedade. O problema maior dos políticos é que são políticos.

***IHU On-Line* - O senhor é um pouco irlandês, um pouco escocês, mas mora há muitos anos no México, sente-se latino-americano? O que isso significa?**

**John Holloway** - Nasci na Irlanda, morei muitos anos na Escócia, estou há mais de quinze anos morando no México. Sinto que tenho muita sorte de estar vivendo numa parte do mundo (América Latina) que, neste momento, é enormemente criativa e rica em inspiração para as lutas do mundo inteiro.

***IHU On-Line* - Quais são os caminhos que a América Latina deveria tentar mais?**

**John Holloway** - Mas está fazendo tudo. Há uma riqueza enorme de caminhos e lutas que nós temos que aprender a escutar e ver.

***IHU On-Line* - Quem vai ganhar as eleições no México?**

**John Holloway** - Creio que há uma possibilidade real que ganhe López Obrador<sup>10</sup> nas eleições mexicanas de julho. Espero que sim, porque o triunfo de qualquer um dos outros candidatos seria terrível. Há governos maus e governos piores, e em geral os maus são preferíveis aos piores. A mesma coisa pode-se afirmar dos governos no Brasil e Uruguai. Mas o importante não é a questão das eleições, e sim como podemos romper com esta dinâmica terrível do capitalismo que está destruindo a

---

<sup>10</sup> **Andrés Manuel López Obrador** (1953): é formado em Ciências Políticas e Administração Popular. Obrador é o político de centro-esquerda que encabeça as pesquisas das eleições presidenciais em 2006, com uma plataforma que pretende resgatar a dignidade do México. (Nota da *IHU On-Line*)

humanidade em todos os sentidos da palavra. O importante é construir outro tipo de política, e isso é o que os zapatistas estão tentando fazer e promover com a outra campanha.

# A tragédia do Governo Lula

Entrevista com Reinaldo Gonçalves



O economista Reinaldo Gonçalves considera o governo Lula uma “tragédia”. Na entrevista concedida, por e-mail, à *IHU On-Line*, o economista e ex-filiado do PT falou da atual conjuntura econômica e social brasileira e não poupou críticas à esquerda do País.

Gonçalves é professor titular da UFRJ, doutor em

Economia pela University of Reading, diretor da Sociedade Brasileira de Economia Política e da Associação Nacional de Cursos de Graduação em Economia, ganhador do Prêmio Jabuti em 2001 na área de Economia, Direito e Administração e autor de mais de duas centenas de trabalhos publicados em 18 países.

## ***IHU On-Line* - O que o senhor definiria como problema principal da conjuntura econômica e política atual no Brasil?**

**Reinaldo Gonçalves** - O governo Lula é uma tragédia moral, política, social e econômica. Nesse quadro, é difícil destacar o principal problema. Podemos mencionar alguns segundo a esfera específica. A tragédia moral está claramente documentada no relatório da CPI dos Correios. A tragédia política se expressa na base política do governo fora e dentro das instituições, inclusive, com o apoio dos rentistas e banqueiros cujos lucros são abusivos. A tragédia social é evidente com a degradação crescente do tecido social, com menos serviços de utilidade pública, mais violência e menos esperança. A tragédia econômica tem várias faces e uma delas é o péssimo crescimento da renda. Em mais de 100 anos de história econômica do Brasil, somente no governo Collor, o País teve um crescimento relativo (comparativamente ao resto do mundo) tão ruim quanto o do governo Lula. O Brasil de Lula está andando para trás, está cada dia mais atrasado, subdesenvolvido. Enquanto isso, o filho do Lula, o Lulinha, ganha “rios de dinheiro”. Voltamos, então, à tragédia moral.

## ***IHU On-Line* - O senhor tem um artigo sobre a análise das esquerdas intitulado *Enterremos Lula e, sem compaixão, deixemos o PT chorar os seus mortos*. O senhor já foi filiado ao PT e hoje não é mais. Está decepcionado com o partido? O que seria “enterrar” Lula e deixar o PT chorar?**

**Reinaldo Gonçalves** - Não estou decepcionado nem desiludido. Entre 1999 e 2002, convenci-me de que o PT era dominado por um grupo dirigente desprovido de um projeto para o País. Eles só tinham um mesquinho projeto de poder. E, portanto, “enterrar” Lula significa derrotá-lo nas próximas eleições. O governo de Lula tem representado não somente a derrota do povo brasileiro diante do neoliberalismo, mas também a humilhação.

## ***IHU On-Line* - O que houve com a esquerda brasileira? Isso é um fenômeno mundial?**

**Reinaldo Gonçalves** - Metade dos canchals é de direita, a outra metade é de esquerda. Isso se aplica à esquerda brasileira. A esquerda brasileira tem a sua própria “canalhocracia”, que apóia os donos do poder e pensa com o bolso. Em compensação, temos em parte da esquerda brasi-

leira um conjunto expressivo de homens e mulheres que não agem segundo ânsias de glória, riqueza, poder e luxúria. O fato é que o PT e seus dirigentes decidiram seguir a "linha de menor resistência" e da pusilanimidade, além, naturalmente, de tentar realizar suas ânsias.

***IHU On-Line* - Esta é a primeira eleição em que a elite está tranqüila porque os dois principais candidatos são francamente pró-mercado. O que se pode prever com a vitória de um ou do outro?**

**Reinaldo Gonçalves** - É a banalização da mediocridade. É o que denominei em um dos meus livros, a "africanização" do país. Ou seja, desestabilização macroeconômica, esgarçamento do tecido social, degradação política e institucional.

***IHU On-Line* - O deputado e ex-ministro do Planejamento Delfim Netto (PMDB-SP) previu que Guido Mantega será um ministro da Fazenda "completo, que não veio para tapar buraco" após a saída de Antonio Palocci. O que senhor acha disso?**

**Reinaldo Gonçalves** - Nada. Tenho "respeito qualificado" por esse cidadão, que está sempre agradando aos que estão no poder.

***IHU On-Line* - O governo francês está sofrendo com as milhares de manifestações estudantis devido ao polêmico contrato de emprego para jovens. Quais são os principais problemas no mundo do trabalho? No Brasil, como avalia as políticas trabalhistas do governo que está encerrando?**

**Reinaldo Gonçalves** - O governo Lula não tem política para o mundo do trabalho. E o

neopeleguismo da CUT é uma expressão desse fato. A CUT é uma central sindical desfibrada, invertebrada, uma vergonha para o trabalhador.

***IHU On-Line* - A crise do capitalismo se aguçou nos últimos anos? Que alternativas temos?**

**Reinaldo Gonçalves** - Temos que escolher grupos dirigentes que, apesar das prebendas e das pressões, têm se mantido coerentes nesses últimos anos. Refiro-me a dirigentes no campo democrático e popular. E, ademais, o povo precisa sair dessa apatia e cobrar coerência, dignidade e responsabilidade dos homens públicos. Daí, o "Lula nunca mais".

***IHU On-Line* - A Alca morreu, está agonizando? Que acordos bilaterais ou multilaterais seriam necessários? Há alguma possibilidade de construir o eixo Brasil-Venezuela-Bolívia?**

**Reinaldo Gonçalves** - O Brasil deveria evitar todo e qualquer esquema plurilateral e concentrar sua política externa em esquemas bilaterais, isto é, Venezuela, Bolívia, Argentina, Estados Unidos, China e todos os que passam em testes de "custo/benefício".

***IHU On-Line* - Para a América Latina, quais as perspectivas econômicas e sociais que podemos esperar, considerando que haverá eleições em vários países neste ano e que foram candidatos de esquerda que assumiram o poder em países, como Bolívia, Uruguai, etc.?**

**Reinaldo Gonçalves** - Imprevisibilidade é o fator marcante. Se formos tomar Lula como exemplo, esses novos dirigentes latino-americanos representaram não somente a derrota como a humilhação do povo.

# “Devemos passar do financeirismo ao produtivismo”

## Entrevista com Ricardo Ffrench-Davis



Ricardo Ffrench-Davis é doutor e mestre em Economia pela Universidade de Chicago e engenheiro comercial titulado pela Universidade Católica do Chile. Atua como assessor regional principal da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) e professor de economia na Universidade do Chile. Foi

diretor de estudos e economista chefe do Banco Central do Chile, além de professor pesquisador nas Universidades de Oxford e de Boston e em institutos da Espanha, França, Itália e Suécia. Na Corporação de Investigações Econômicas para a América Latina (CIEPLAN), com sede em Santiago, foi diretor, vice-presidente e pesquisador. Atualmente é consultor do CEPAL e professor de pós-graduação no Instituto de Estudos Internacionais e da Faculdade de Economia da Universidade do Chile. É membro do Conselho de Política Exterior do Chile. Desde 2002, é co-diretor com o professor Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, de um grupo internacional sobre Macroeconomia para o Desenvolvimento.

Escreveu centenas de artigos técnicos, publicados em oito idiomas e em mais de vinte países. Seus livros mais recentes são: *Reformas para América Latina*. Santiago de Chile: McGraw Hill, CEPAL, 2005, *Para reformar las reformas en América Latina: macroeconomía, comercio, finanzas*. Santiago de Chile: McGraw Hill, CEPAL, 1999, *Entre el neoliberalismo y el crecimiento con equidad en Chile*. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 1999 e é um dos organizadores da obra *Os fluxos financeiros na América Latina – um desafio ao progresso*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. A entrevista a seguir foi concedida à *IHU On-Line* por telefone.

### ***IHU On-Line* – Que pontos o senhor considera fortes e fracos no novo governo do Chile?**

**Ricardo French Davis** - É muito interessante que o Chile tenha uma presidenta mulher, é um elemento novo que faz parte da modernização, um reconhecimento à significação do gênero. Este é um novo governo, depois de três governos da “concertação”, nos quais tem havido um desenvolvimento econômico importante, com uma notável diferença de crescimen-

to médio nos 16 anos da “concertação”, em que o crescimento é de 5,6 % por ano, versus um crescimento de só 2,9 % nos 16 anos da ditadura do Pinochet, ambos são 16 anos, é muito interessante, ou seja, uma diferença notável, com uma distribuição de renda que na ditadura tinha diminuído enormemente e na “concertação”, do governo democrático, tem melhorado levemente, mas a distribuição de renda ainda deve melhorar. Michelle Bachelet tem feito fortes pronunciamentos sobre a igual-

dade, sobre combater a desigualdade nas suas distintas expressões: no gênero; na distribuição de renda, na participação, na educação, na saúde, que há diferenças de acesso para os diversos setores sociais, apesar das melhorias que têm havido nesses nos 16 anos da “concertação”. É necessário ainda, fazer correções, mais correções, ao modelo econômico que a democracia herdou da ditadura. Devemos passar de um enfoque que tem ingredientes neoliberais a um enfoque com ingredientes de crescimento com equidade, e isso passa pelo apoio à pequena e média empresa, que ela tenha acesso ao mercado de capitais e no campo da macroeconomia a ênfase é de passar com maior intensidade de uma macroeconomia que se preocupa com a inflação e com a responsabilidade fiscal a uma macroeconomia que também se preocupa fortemente que os empresários não tenham que se defrontar com acelerações e freadas muito intensas. Essas aceleradas e freadas têm estado no cerne das crises financeiras que tem sofrido a América Latina e na crise que o Chile enfrentou de 1998 a 2003. É uma correção que passa da macroeconomia neoliberal a uma macroeconomia para o desenvolvimento produtivo.

**IHU On-Line - Podemos esperar mudanças reais na política econômica dos governos de esquerda que assumiram ou assumirão o poder na América Latina?**

**Ricardo Ffrench-Davis** - Estamos em um momento maduro para fazer correções. Minha idéia não é começar do zero, é reformar a reforma, reformar coisas que se mal feitas. A América Latina de 1990 a 2005 apenas cresceu 2,7% por ano, é um fracasso. Hoje temos 13 milhões de pobres a mais que em 1990. Devíamos ter reduzido fortemente a pobreza. Estamos investindo pouco produtivamente. Fizemos reformas privatizadoras, e o setor privado não nos responde investindo. Acredito que chegamos a essa situação porque houve falhas muito graves na reforma que não foram amigáveis com os investidores produtivos. As reformas foram amigáveis com

os especuladores, mas não com investidores produtivos, com os inovadores, com os modernizadores. Devemos passar do financeirismo ao produtivismo.

**IHU On-Line - Quais seriam os pontos estratégicos que teríamos que corrigir?**

**Ricardo Ffrench-Davis** - Acredito que o primeiro é no comércio internacional, o segundo, as reformas financeiras internas e nossa conexão financeira com o exterior, e a maneira de fazer a macroeconomia, nesses três terrenos nós temos propostas. Foram liberalizadas as exportações e não fizemos o esforço de melhorar a qualidade das exportações. Esse esforço deve ser feito. O tipo de câmbio foi deixado à mercê do fluxo do capital que é muito instável. Isso é péssimo para o desenvolvimento produtivo, para a qualidade das exportações e para exportações com valor agregado. Temos que passar a uma política cambiária administrada pela autoridade econômica se queremos ter desenvolvimento produtivo. Acho que é uma mensagem que vale para o Brasil, para o Chile e para outros países. O dólar vai baixando e nos castigam os exportadores com valores agregados, ficamos exportando recursos naturais, e isso não dá emprego produtivo, não dá equidade nem inovação tecnológica.

**IHU On-Line - Quais as mudanças no sistema financeiro que o senhor propõe?**

**Ricardo Ffrench-Davis** - Toda a América Latina tem desenvolvido o *overnight*<sup>11</sup>. O desenvolvimento produtivo não se faz com *overnight*, isso é um desenvolvimento financeirista. Isso significa reforma do mercado de capitais que a institucionalidade cria para longo prazo, com preferência para a pequena e média empresa. Se deixamos a economia totalmente aberta aos fluxos de capitais, vamos estar dominados pelas crises financeiras, o auge de

<sup>11</sup> **Overnight:** Depósito interbancário vigente do dia da negociação até o dia seguinte, ou, nos fins de semana, de sexta para segunda-feira. (Nota da *IHU On-Line*)

1996-97, a queda de 98-2003, o auge de 2004. No futuro, continuarão as aceleradas e freadas nos mercados financeiros das economias emergentes como as latino-americanas.

***IHU On-Line- Como fica a política diante de uma economia tão aberta aos fluxos financeiros?***

**Ricardo Ffrench-Davis** - Isso é profundamente preocupante para a democracia. A democracia sente que a economia neoliberal é dólar, conta quem tem mais dólares e não as pessoas. Há uma contradição profunda entre uma visão economicista e uma visão democrática. Não basta uma política econômica que constitua iniquidade. Por isso, podemos afirmar que não há uma economia, há várias economias: uma neoliberal, outra algo neoliberal, outras que privilegiam muito fortemente o crescimento com equidade. No mundo, o mercado estadunidense não é igual ao canadense, que não é igual ao francês, ao suíço ou ao sueco, há variantes. Não podem dizer que há um só caminho na economia, é o que nos diz o Fundo Monetário Internacional. Há opções. Devemos gastar nossa inteligência e vontade política em optar por crescer com equidade e sair das receitas neoliberais que dizem que devemos ter um câmbio livre, os capitais abertos totalmente, e o Estado deve ser neutro. Não! A sociedade deve escolher seu cami-

nho. Economia de mercado sim, não há opção. Mas qual a economia de mercado devemos escolher? Democracia é optar.

***IHU On-Line- Como vê integrações regionais como o Mercosul?***

**Ricardo Ffrench-Davis** - Eu sou um entusiasta da iniciativa do Mercosul, apesar dos muitos problemas. São muito importante para a América Latina os esforços de integração regional. Acho que as alianças devem caminhar mais na direção de construir uma globalização integradora. A atual, é uma globalização que conspira contra a democracia.

***IHU On-Line- Não acha que há uma contradição, no caso do Chile, em ter acordos com os EUA e estar inserido no Mercosul ao mesmo tempo?***

**Ricardo Ffrench-Davis** - Eu vejo que há espaços para coexistências importantes e o Chile já tem isso e sobre isso tem que construir. A cooperação regional na América Latina deve ser melhor impulsionada em diversos âmbitos: comercial, macroeconômico, de transporte, a normatização do comércio. Ainda há dificuldades para que cheguem alguns produtos do Brasil ao Chile por terra, por exemplo. Isso deveria estar já resolvido. Temos uma tarefa intensa que deve ser feita.

# Uma radiografia da América Latina

## Entrevista com José Comblin



O conhecido teólogo belga José Comblin, residente no Brasil há muitos anos e um dos maiores conhecedores dos problemas teológicos e eclesiais da América Latina, concedeu a entrevista que segue para a revista **IHU On-Line** por telefone, na última semana. Ele veio para o Brasil a convite de D. Hélder Câmara, arcebispo de Recife. Foi expulso do Brasil pelo regime militar. Autor de inúmeros livros, vive,

atualmente, no sertão da Paraíba. O padre José Comblin dedicou-se à teologia durante 50 anos. Na América Latina, participou do primeiro grupo dos futuros teólogos da teologia da libertação ainda em gestação nas reuniões de Cuernavaca, Petrópolis, Montevideu e Santiago em 1964 e nos anos seguintes. Nos últimos 30 anos, o José Comblin dedicou a maior parte do seu tempo à formação de leigos. Esteve primeiro na raiz das equipes de formação de seminaristas no campo em Pernambuco e na Paraíba (1969), do seminário rural de Talca (1978) e de outro na Paraíba em Serra Redonda (1981). Estas iniciativas deram origem à chamada "teologia da enxada". Comblin esteve na origem da criação dos Missionários do Campo (1981), das Missionárias do Meio Popular (1986), dos Missionários formados em Juazeiro da Bahia (1989), na Paraíba (1994) e em Tocantins (1997). Orientou cursos de formação de animadores de comunidades de base com um grupo de colaboradores (1981). Dele destacamos os livros *A ideologia da segurança nacional*. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978) e *Cristãos Rumo ao Século XXI*. (São Paulo: Paulus, 1996).

### **IHU On-Line - O que pode significar a eleição de Humala, no Peru, e de Morales, na Bolívia?**

**José Comblin** – Significa que as classes mais unidas e fortes na América Latina são os indígenas. Eles têm nas suas origens étnicas e na sua cultura o elemento de unidade. Isso faz eles serem os que mais protestam contra o sistema imperial. Podemos nos perguntar por que as centenas de milhões de pobres que são mestiços não protestam. Por que eles ficam tão desarticulados? Isso mostra a força do império, que consegue individualizar, desarticular todo o tipo de comunidade, todo tipo de ação social. Os indígenas são os únicos que tomam iniciativas, como, por

exemplo, na Bolívia e no Peru. No Equador, não conseguiram desta vez, mas um dia vão conseguir também. No sul do México é mais difícil, porque o *Big Brother* está muito perto. Mas no Chile e na Argentina, são os Mapuches<sup>12</sup> que mais se agitam. É significativo que quem se levanta é o povo indígena em geral. Até aonde isso vai e o que eles podem fazer é uma incógnita. Talvez agora, com o exemplo da Bolívia, poderemos ver o que é possível

---

<sup>12</sup> Mapuches (gente da terra) é uma comunidade aborígine que habita originalmente a zona centro-sul do Chile e da Argentina. São conhecidos também como araucanos. Os Mapuches são originários da Argentina. (Nota da *IHU On-Line*)

nesse mundo indígena que, de qualquer maneira, vive muito longe da tecnologia e da organização burocrática do Ocidente. Diante desta incógnita, nos resta aguardar.

### ***IHU On-Line - E o que dizer do fenômeno Chávez?***

**José Comblin** – Hugo Chávez é um fenômeno muito interessante, mas que só é possível porque ele tem o petróleo. É isso que lhe permite desafiar os EUA e toda a burguesia local. Mas é muito interessante, porque ele está construindo uma sociedade paralela, um mundo de transformação social. Ao lado do mundo burguês, ele se mostra tranqüilo, em segurança. Toda a rede de televisão, os jornais, todos os meios de comunicação não têm nenhuma influência. Falam o pior que se pode falar de Hugo Chávez. O melhor que dizem dele é que é louco e ladrão. Mas isso não tem influência. O povo permanece fiel a Hugo Chávez. Acho que isso anuncia coisas para o futuro. Se aparece alguém com quem o povo se identifica, então nada vai poder parar. No Brasil, podia-se imaginar que Lula poderia ter sido uma pessoa assim, mas não era a vocação dele. Ele não foi feito para isso e não quis esse papel de modo algum. Era um sindicalista, marcado pela psicologia sindicalista. Essas não são pessoas carismáticas. Acredito que isso vai aparecer em todos os países da América Latina: personalidades altamente carismáticas com as quais o povo se identifica, porque sente que vão fazer alguma coisa, sem ficar só nos discursos. O caso de Chávez é muito interessante, porque ele consegue desafiar e montar todo o sistema de saúde, educação, consegue fazer transformações básicas, apesar da resistência completa de toda a classe alta e empresarial. Só que nós sabemos, naturalmente, o que pode acontecer a longo prazo. Sobretudo, se houver pastores evangélicos que mandem gente para matá-lo. Naturalmente, pode ser que um dia isso aconteça, e seria difícil achar um sucessor para ele. Mas não conseguiram matar Fidel Castro em tantos anos, então é bem possível também que não consigam

matar Chávez. Acredito que ele vai transformar, melhorar, promover a sociedade.

### ***IHU On-Line - Que perspectivas o senhor vê em uma possível vitória de Obrador no México?***

**José Comblin** – Ali é outra coisa. O México já está no Tratado da América do Norte, está ao lado dos EUA, sofre uma influência profunda. Eles são praticamente os donos do petróleo. O petróleo está, em sua maior parte, no sul, e em terras indígenas. Esse vai ser um problema, porque enfrentar o gigante do norte é bem mais difícil que a América do Sul. É difícil de prever o que se poderá fazer, porque não dispõe dos meios de comunicação, a produção já está nas mãos dos EUA, globalmente. Se o processo de desnacionalização é reversível, ali talvez haja uma grande dúvida quanto a isso. Mas podemos rezar para que ele tenha êxito.

### ***IHU On-Line - Em um dos seus livros, o senhor critica duramente os períodos democráticos da América Latina, pois neles os pobres não tiveram vez. E diz que eles sentiram a sua situação melhorar nos regimes "populistas" de Perón e Vargas. Como o senhor vê a situação dos pobres, hoje, no Brasil?***

**José Comblin** – Eu não sou o primeiro. Repeti simplesmente o que a imensa maioria dos autores independentes está dizendo da América Latina e do Brasil. Não tenho nenhuma originalidade nisso. Mas essa afirmação é feita porque as massas populares nunca foram integradas. E porque se mantêm num estado de analfabetismo prático. Oficialmente, 95% dos brasileiros são alfabetizados, mas praticamente nem a metade, porque sabem deletar, mas não entendem o texto. O resultado é que se mantêm num estado cultural muito baixo, sem condições para participar de uma sociedade democrática. É por isso que se mantêm, até agora, a aliança entre os piores dominadores e os mais desprezados, excluídos. Os mais pobres escolhem os piores deputados e senadores, o que de pior há no País, porque sabem comprar. Enquanto a massa popular esti-

ver nesse estado de atraso cultural sistemático, as elites do Brasil vão conseguir o que querem: que o povo fique ignorante, que as escolas sejam más, que não se aprenda nada. Isso é uma política sistemática das elites. Com isso, os pobres estão praticamente eliminados. Só que escolheram Lula pensando que ele seria como Hugo Chávez, uma personalidade carismática. Descobriram que não é, mas de qualquer maneira, ele é nosso. Eles diriam como os trabalhadores chilenos diziam do governo de Allende<sup>13</sup>, naquele tempo “Es un gobierno de mierda, pero es nuestro gobierno”. Lula é nosso. Claro que ele não realiza os sonhos, não é aquilo que se podia esperar, mas de qualquer maneira, comparando com os outros... Quem olha a cara de Alckmin, entende tudo, sabe tudo, não precisa nem escutar o discurso.

#### ***IHU On-Line* - Que avaliação o senhor faz do governo Lula? O que esperar no caso de um segundo mandato?**

**José Comblin** – Se ele conseguir, teremos a continuação do mandato atual. Não mudará nada, porque ele fez aliança com as grandes forças financeiras, e isso vai continuar. Só que ele traz alívio para as massas populares, com o Bolsa Família e esses projetos que, para o povo, são uma maravilha. Temos que dizer que o povo está em um estado de inferioridade cultural tão grande que, quando recebe R\$ 50,00, é uma fortuna, é o céu na terra. Isso para quem não tem nada, não tem ambição, não tem visão do que está acontecendo, não se dá conta de toda a riqueza que tem no Brasil. Os deputados e senadores tradicionais oferecem R\$ 50,00 e conquistam votos assim. De tal modo que não haverá muita mudança.

---

<sup>13</sup> **Salvador Allende Gossens** (1908-1973): médico, político e estadista chileno. Como o primeiro marxista eleito democraticamente presidente da república na América Latina, foi presidente do Chile de 1970 a 1973. Naquele ano, as Forças Armadas deram um sangrento golpe de Estado que derrubou o governo. Allende se suicida no Palácio de La Moneda, cercado por tropas do Exército. (Nota da *IHU On-Line*)

#### **2010: o ano da mudança**

A mudança será em 2010. A América Latina já terá mudado bastante e os EUA estarão muito enfraquecidos. Precisamos ter paciência até lá. Digo isso porque a situação mundial é tal que a economia dos EUA é cada vez mais frágil, como dizem todos os observadores, porque o dólar é cada vez mais frágil. Isso sem falar no desgaste da opinião pública. Os EUA subsistem, no momento, a economia por causa da China, que compra todos os papéis emitidos, ou seja, os norte-americanos vivem do dinheiro emprestado pelos chineses. E se os chineses decidem fazer o contrário? Aí cai tudo. E a China está subindo, isso é um indício. Depois, na América Latina, há um movimento global. O Brasil geralmente está atrasado nas evoluções, mais lento e mais conservador. Mas vai seguindo o movimento. Até para suprimir a escravidão ele seguiu o movimento e para se separar do império também seguiu os outros. Então, neste caso, ele vai seguir também, com atraso. Agora é muito cedo. Mas daqui a quatro anos, tudo o que acontecer na América Latina já terá penetrado muito mais e aumentado muito mais o mal-estar da classe média baixa. Sem contar os intelectuais que são pobres. Atualmente, a metade dos estudantes universitários é pobre. Esses, por serem pobres, não vão encontrar emprego. Isso cria um mal-estar entre eles, nas famílias deles. A inquietação vai aumentar.

#### ***IHU On-Line* - Como está hoje a situação do Chile?**

**José Comblin** – O Chile é um caso especial. A burguesia conquistou, graças a Pinochet<sup>14</sup>, todas as posições de mando e

---

<sup>14</sup> **Augusto Pinochet Ugarte** (1915): militar chileno. Nomeado, em 1973, como comandante do exército chileno, chefiou a junta militar que tomou o poder através do golpe de estado de 11 de setembro de 1973, que derrubou o presidente Salvador Allende. Em junho de 1974 assumiu formalmente o cargo de Presidente da República. Em 18 de fevereiro de 1988 foi derrotado em plebiscito que rejeitou o prolongamento da sua presidência. Em 1989 foram realizadas as primeiras eleições desde 1970, quando o General Pinochet entregou a presidência a Patricio Aylwin, o vencedor das eleições, em 11 de março de 1990.

conseguiu, por sorte, uma posição muito favorecida. Primeiro, porque o preço do cobre é muito alto. Portanto, o cobre é muito importante na economia chilena, bem mais importante do que o petróleo aqui no Brasil. É muito mais fundamental, é uma fonte de entrada enorme. Depois, estão desmatando todas as partes do sul, vendendo as florestas. Isso se faz também no Brasil, só que aqui tudo é clandestino, então esse dinheiro não entra no País. No Chile entra. Depois, aumentou muito a pesca. A venda mundial de farinha de pescado é um dos grandes produtos da exportação. Finalmente, lançaram uma campanha muito grande para o vinho chileno e para as frutas chilenas de modo geral. São quatro elementos que compõem a economia chilena atualmente. Com isso, deixaram a agricultura tradicional e as pequenas indústrias tradicionais. Até agora, a coisa funciona, porém, é muito frágil porque depende da situação mundial, do mercado mundial. A qualquer momento o cobre pode baixar, o preço pode cair. Podem descobrir minas de cobre em outros lugares. Isso é imprevisível.

### **A situação da população chilena**

No entanto, a situação popular não é tão favorável. Os governos oferecem satisfações e algumas vantagens populares. Mas, mesmo assim, a situação da educação popular é muito lamentável. A oposição não tem meios de expressão. Todas as televisões e jornais estão aí para defender o sistema completamente. Isso perturba muito quando há um controle total de todos os meios de divulgação que vão celebrando a política seguida. Encontramos essa situação em uma América Latina da desmobilização popular, da destruição das organizações populares. Nisso também há todos

---

Passou então a exercer as funções de senador vitalício no Congresso chileno, às quais renunciou em virtude dos problemas de saúde e das diversas acusações de violações aos direitos humanos. Em 2004, Pinochet passou a ser acusado de manter contas secretas no exterior. Pinochet continua sendo responsabilizado por organizações de defesa das vítimas, que lhe imputam os crimes cometidos pelo regime militar do qual era o chefe supremo. (Nota da *IHU On-Line*)

os tipos de empresas, que constroem toda uma série de estratégias para impedir uma união dos trabalhadores, uma organização de oposição. Isso tem força graças a todas as ciências psicológicas e humanas. As empresas elaboram uma série de políticas e de manobras para desarticular qualquer tentativa de organização dos trabalhadores. Aqui no Brasil, é a mesma coisa. Para a fachada exterior, a coisa está muito bonita. Chegamos a Santiago, Las Condes, ou Vitacura, e pensamos “aqui é Miami, aqui é a cidade maravilhosa”. Mas depois visitamos quilômetros do mundo popular e vemos o quanto a vida é dura e difícil.

### ***IHU On-Line* - E qual sua avaliação do governo Alwyn, no Chile, onde o senhor viveu?**

**José Comblin** – Patricio Alwyn<sup>15</sup> manteve o sistema econômico criado por Pinochet. Estabeleceu uma certa liberdade, mas naquele tempo, por causa de Pinochet, é claro que o Exército ainda tinha uma influência muito grande, como ainda tem hoje. A influência do Exército continua, tem poder de veto muito forte, de tal maneira que praticou aquele acordo que tinha sido feito entre oposição e Pinochet, que era para manter a constituição feita por Pinochet. Isso deixou, para a direita, posições muito privilegiadas, sobretudo no senado, que tinha possibilidade de impedir qualquer política que fosse muito social. A apreciação do povo foi muito positiva, porque depois do sistema militar, já era uma grande transformação. Não havia mais todo esse sistema de perseguição, vigilância. O sistema econômico não mudou. Podia mudar, mas quem vai saber? Em grande parte, com certeza, ele pensava que se mudasse alguma coisa, o exército ia intervir imediatamente.

### ***IHU On-Line* - Qual o impacto da ausência de mudanças feita por Lula para os pobres do Brasil e da América Latina?**

---

<sup>15</sup> **Patricio Aylwin Azócar** (1918-): político democrata cristão e jurista chileno. Foi presidente do Chile de 1990-1994. (Nota da *IHU On-Line*)

**José Comblin** – A década dos anos 1990 foi a da implantação de todos os sistemas de reajuste, da globalização e da privatização da economia. Isso, de certo modo, deixou as oposições desarticuladas. Fez-se isso em todos os países latino-americanos, com o apoio dos EUA, que era muito convincente, e com a ajuda de uma burguesia local totalmente convertida. Quem mandou e ainda manda nos EUA são pessoas da burguesia que foram estudar nas universidades americanas, onde aprenderam todo o sistema capitalista atual. Foram muito bons alunos, aprenderam muito bem. Levam a sério e aplicam rigorosamente tudo o que aprenderam. Entretanto, ignoram completamente o seu país. Vamos citar aqui um homem como Meirelles, do Banco Central. O que ele sabe do Brasil? Sabe o que está no papel, o que está no computador, as cifras, e que são normalmente dados que vêm dos EUA. Ele recebe de Washington todas as explicações sobre o Brasil. De contato direto, ele não tem nada. Isso predominou por um bom tempo. Mas os estudantes que forem estudar agora nos EUA já não vão mais encontrar nas universidades aquela unanimidade. Vão encontrar muitas críticas a esse sistema que foi implantado nos anos 1990. Mas até eles voltarem para cá e poderem chegar a postos de mando vai demorar cerca de 20 anos. Será uma geração diferente, muito mais crítica. Entregar todo o poder a uma geração de fanáticos dessa tecnologia, desse sistema, é obvio que significa fechar as portas para qualquer oposição possível, pois não tem diá-

logo, não tem discussão. Para eles, todo o resto do mundo é ignorante, não entende nada. Mas o mundo sempre muda, e isso também não é permanente.

***IHU On-Line - Como o senhor vê a realização da Assembléia do CELAM, em Aparecida, no próximo ano? Tem esperança de algo novo? Se não for como Medellín, que seja pelo menos como foi Puebla?***

**José Comblin** – Só se houvesse um milagre extraordinário, que nunca aconteceu até agora. Naquele tempo, havia um grupo de bispos com muita personalidade e independência, com muitas experiências pastorais válidas e importantes. Agora, os bispos que estarão presentes nesse encontro são uns burocratas. Querem aplicar o regulamento, o que vem de Roma, mas não têm imaginação, criatividade, nem experiências pastorais importantes para apresentar. Eles vão simplesmente repetir o que os delegados da cúria romana vão lhes dizer. Vão usar algumas palavras bonitas, porque alguns teólogos aprenderam palavras bonitas. O vocabulário vai mudar um pouquinho, mas na realidade não se vai tomar nenhuma decisão, porque não vão enfrentar nenhum problema básico. Em primeiro lugar, porque não conhecem esses problemas básicos. A igreja católica, nos últimos 25 anos, se fez cada vez mais aliada da burguesia. E essas alianças se multiplicam. Isso tem vantagem financeira, econômica, mas acaba cortando-a do mundo popular.

# “Exigimos outra democracia”

Entrevista com Dom Pedro Casaldáliga



Em entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, Dom Pedro Casaldáliga falou sobre a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho a ser realizada em Aparecida do Norte no ano que vem. De sua residência, em São Félix de Araguaia, o bispo emérito avaliou a Igreja atual e apontou os principais problemas que devem ser atendidos para uma real mudança.

Dom Pedro Casaldáliga é catalão e chegou a São Félix do Araguaia, em julho de 1968, um dos períodos mais duros da história do País. Numa região de constantes conflitos fundiários, o bispo ajudou a fundar a Comissão Pastoral da Terra (CPT), organização que deu uma nova dimensão à questão agrária. Do Brasil, sua atuação estendeu-se para outras regiões da América Latina, sobretudo da América Central, marcada por impasses sociais semelhantes. Pelo seu trabalho, recebeu o título de doutor honoris causa pela Unicamp, em outubro de 2000. Escritor e poeta é autor de dezenas de livros, discos e vídeos sempre com o perfil da teologia de libertação. Ele é autor da **Missa dos Quilombos**, composta em parceria com Milton Nascimento e Pedro Tierra, cujo disco, com sua gravação na íntegra, foi lançado originalmente em 1982, e da **Missa da Terra sem Males**, de 1980, com música de Pedro Tierra. Publicamos uma entrevista com Dom Pedro Casaldáliga nas Notícias Diárias do sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 16 de abril de 2005.

## ***IHU On-Line* – Uma nova Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano o entusiasma?**

**Pedro Casaldáliga** - Quando se pensa em fazer uma Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho ficamos “balançados”. Por um lado, sentimos a saudade apaixonada da conferência de Medellín<sup>16</sup>, por tudo o que ela foi e pelo que deveriam ter sido as sucessivas conferências.

---

<sup>16</sup> A 2ª. Assembléia Geral da Conferência Episcopal Latino-Americana – CELAM – foi realizada em Medellín (Colômbia) no ano de 1968 e iniciou o período da “opção pelos pobres” da Igreja católica na América Latina. Os documentos desta importante conferência foram publicados pela Editora Vozes. Eles foram fundamentais no crescimento das comunidades eclesiais de base – CEBS – e da teologia da libertação na América Latina. (Nota da *IHU On-Line*)

Puebla<sup>17</sup> já não foi tão interessante, Santo Domingo<sup>18</sup> menos ainda. Houve, inclusive, tentativas de uma conferência pan-americana, que diluiria a característica latino-americana e caribenha da nossa Igreja do sul. O fato de não fazermos em Roma, já seria um passo, pois se conservaria como

---

<sup>17</sup> A 3ª. Conferência Geral da Conferência Episcopal Latino-Americana – CELAM – foi realizada em Puebla (México) no ano de 1979. Esta conferência confirmou a “opção preferencial pelos pobres” da Igreja católica na América Latina. Os documentos emanados desta conferência foram publicados pela Editora Vozes. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> A 4ª. Conferência Geral da Conferência Episcopal Latino-Americana – CELAM – foi realizada em Santo Domingo (República Dominicana) no ano de 1992. O seu impacto, comparado com Medellín e Puebla, foi pífio. (Nota da *IHU On-Line*)

conferência Latino-Americana e Caribenha do Episcopado. A preocupação que eu tenho é que o texto base do Celam<sup>19</sup> (Conselho do Episcopado Latino-Americano) abrange pontos demais. Há o perigo de que se fale em tudo para satisfazer a todos e podemos acabar falando de nada profundamente. Eu sonhava com uma proposta de quatro ou cinco prioridades. Discutindo-se o ecumenismo, o diálogo inter-religioso, a juventude, as injustiças sociais do continente e o compromisso da fé e da política. As situações maiores, mais graves e mais urgentes do continente, porque, se tentamos falar em muitos assuntos, vamos falar superficialmente e, como tem acontecido em outras conferências, o resultado é um grande documento, que nem todos os bispos lêem integralmente.

#### ***IHU On-Line - Medellín foi a conferência mais marcante?***

**Pedro Casaldáliga** - Em primeiro lugar, Medellín marcou uma vivência latino-americana do Concílio e explicitou a opção fundamental pelos pobres como aquela tipicamente evangélica e que deveria nortear todas as opções das igrejas no mundo, porque a opção pelos pobres é a própria opção de Jesus de Nazaré. Em segundo lugar, Medellín abriu um espaço numa hora, ao mesmo tempo, compulsiva e entusiasta, da América Latina. Uma hora de revoluções, de guerrilhas e expectativas diante da ditadura militar. Já Puebla foi mais ambígua, porque possui textos em que se percebem muitas mãos, ou seja, não existe uma linha unitária, como em Medellín. E Santo Domingo já foi mais diluído. O melhor de Santo Domingo é que se explicitou como objetivo a inculturação. No mais, houve pouca novidade e pouca caracterização, tipicamente latino-americana.

#### ***IHU On-Line - Santo Domingo estava programada de antemão, não houve real participação dos bispos na construção do documento?***

<sup>19</sup> O texto-base da 5ª. Conferência a ser realizada em Aparecida do Norte, está disponível nas livrarias católicas. (Nota da *IHU On-Line*)

**Pedro Casaldáliga** - Nos preparativos desses últimos encontros, a participação da Igreja latino-americana foi muito relativa. Não se mobilizaram bastante as bases. Por parte de alguns setores mais conscientes houve um descrédito, pois se supõe que será mais um encontro com um documento grande. Há um certo desencanto prévio. Sobre a participação houve muito peso da cúria romana em Puebla mas, sobretudo, em Santo Domingo. E não sei o que vai acontecer nesta Assembléia em Aparecida.

#### ***IHU On-Line - Mas o senhor acredita que a próxima conferência vai seguir a linha de Santo Domingo?***

**Pedro Casaldáliga** - Não vejo um grande entusiasmo, não sinto um sonho, ou alguma novidade. Talvez porque estou aposentado, um pouco quieto...

#### ***IHU On-Line - O cenário latino-americano mudou muito. O que o senhor apontaria como os principais desafios do nosso continente?***

**Pedro Casaldáliga** - Na ambigüidade que estamos vivendo e na opressão neo-imperialista do neoliberalismo e dessa mundialização que está se gestando com muitas impurezas, mas também com muitas possibilidades, cada país necessariamente tem que contar com o mundo todo. Nenhum país pode se considerar agora totalmente autônomo. As políticas nacionais estão muito condicionadas pelas políticas internacionais. Além disso, carregamos, durante séculos, uma herança pesada de pobreza, de dependência, de corrupção de convivência com as nossas oligarquias e governos. De um dia para outro, isso não muda, mas devemos reconhecer que há uma espécie de virada para baixo e para esquerda como diriam os Zapatistas. E estou olhando com bastante esperança esse momento da América Latina e o Caribe. Como tem dito diversos analistas, parece que a América Latina está se afastando dos Estados Unidos. Isso já é um passo importante. E também há, cada vez mais, nas pessoas uma consciência mais crítica, autocrítica, e menos imediatista. Saber contar com paciência histórica nos passos que o povo vai

dando. Dar abertura também aos diferentes povos, com as diferentes culturas e reivindicações: negro, indígena, mulher, juventude, o ecumenismo, o macroecumenismo o respeito às religiões afro-americanas e indígenas.

#### **A decadência de partidos e sindicatos**

Temos que relativizar o que talvez foi excessivamente absolutizado. Por exemplo, continuamos achando importante os partidos e os sindicatos necessários, no entanto, sem aquela hegemonia que tiveram em décadas anteriores. Agora existe uma mobilização da cidadania e os vários movimentos populares, inclusive os fóruns sociais mundiais, manifestam essas confluências de ações dos vários movimentos que constituem uma movimentação maior: popular, fundamentalmente de esquerda, numa perspectiva de transformação.

#### **IHU On-Line – No meio disso tudo como o senhor vê o papel da igreja? Está descreditaada?**

**Pedro Casaldáliga** - Hoje há mais Igreja do que antes. Quero dizer que está se relativizando o papel do bispo, o papel do clero e há muito mais grupos de leigos e leigas cristãos que protagonizam a vida da Igreja, como inclusive foi pedido em Santo Domingo. Há muita mais consciência do dever de ser adulto da Igreja e muitas pastorais sociais têm uma presença significativa não só no Brasil como em muitos países da América Latina e do Caribe. Há também mais estudos teológicos e bíblicos. Há mais Igreja consciente, autocrítica e dialogante em ecumenismo e macroecumenismo. Há mais presença de cristãos na política, nos movimentos pastorais e sociais. Tudo isso, às vezes, pode aparecer um pouco diluído porque ainda pesa muito a palavra mais oficial do episcopado, mas é uma realidade esse novo tipo de Igreja.

#### **IHU On-Line – Como o senhor avalia o que já vimos até o momento do Papa Bento XVI?**

**Pedro Casaldáliga** - Tenho a impressão de que busca uma atitude mais simples, menos imponente e menos publicitária que o Papa anterior. Isso já é bom. Têm aconteci-

do alguns atos significativos de diálogo ecumênico, inclusive com o islã, com o judaísmo. *Deus Caritas Est* (Deus É Amor), que tem seus prós e contras, apresenta como tema, positivamente, o amor e a caridade. Mas dá impressão em certos momentos, que a Igreja deveria investir na caridade, e a política fica de fora, esquecendo a palavra de Paulo VI<sup>20</sup> que a política é uma das mais altas expressões do amor fraterno da caridade cristã. No pontificado dele aconteceram também cortes, como, por exemplo, o padre Masiá<sup>21</sup> da Espanha, pela bioética, e o sacerdote indígena mexicano Eleazar López Hernández, pela teologia indígena e agora está se desmantelando duramente a igreja indigenista de São Cristóval de Las Casas.

#### **IHU On-Line – Em relação ao Brasil, como o senhor avalia a atual conjuntura brasileira?**

**Pedro Casaldáliga** - Eu confio que há mais movimentos populares, consciência crítica e autocrítica e vontade de participação. O poder está sendo relativizado e contestado. Vivíamos muito dependentes de uma democracia representativa e agora estamos entendendo que nos representamos muito mal e que não podemos confiar demais neles. Exigimos outra democracia. A agenda latino-americana de 2007<sup>22</sup> que estamos elaborando tem como tema essa exi-

<sup>20</sup> **Papa Paulo VI (1897-1978):** Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini. Foi Papa da Igreja Católica Romana do dia 21 de junho de 1963 até a data da sua morte. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> **Juan Masiá Clavel:** Teólogo e padre Jesuíta. Foi diretor da Cátedra de Bioética da Universidade Católica de Comillas, na Espanha, até ser destituído em janeiro último. Masiá é autor do livro *Tertulias de Bioética. Manejar la vida, cuidar a las personas*, que trata de questões éticas sobre a vida e que gerou algumas controvérsias dentro da igreja. Traduzimos e publicamos uma entrevista concedida por Masiá à revista *Religión Digital*, que pode ser conferida no sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), na Notícias Diárias, de 22 de março de 2006.

<sup>22</sup> A Agenda Latinoamericana Mundial que está sendo preparada para 2007, intitula-se "Exigimos e fazemos outra democracia". "Lá embaixo –com o povo- e à esquerda", definem os zapatistas na "outra campanha". (Nota da *IHU On-Line*)

gência de outra democracia, que não seja apenas formal, mas uma democracia econômica, política, social e étnico-cultural. E que seja uma democracia mundial, não há verdadeira democracia para nenhum país se não há democracia para o mundo.

**IHU On-Line - O senhor acha que o fato de se realizar a conferência aqui no**

**Brasil, exerça uma influência para a abertura da igreja para certos temas?**

**Pedro Casaldáliga** - Vamos ver quem é eleito para a conferência e que tipo de contribuição prévia vai se dar. Eu estou numa expectativa com interrogações, rezando e confiando que o Espírito possa intervir também, que todos criemos espaços porque ele é muito respeitoso.

## A força dos povos indígenas na América Latina

### Entrevista com Dom Samuel Ruiz



Dom Samuel Ruiz é bispo emérito da diocese que, no século XVI, foi do missionário dominicano Bartolomeu de las Casas, do qual ainda guarda lembrança no nome. Chama-se San Cristóbal de las Casas. É uma diocese de 1 milhão de habitantes, 80% índios, no Estado de Chiapas, o mais pobre do México. O bispo chegou em Chiapas, em 1959 e assinala essa chegada como uma nova experiência na sua vida. Ao lembrar sua trajetória de 40 anos, afirma ter deixado muitos

esquemas para trás e ter aprendido com os povos indígenas. Na década de 1980, Dom Samuel Ruiz deu apoio aos refugiados guatemaltecos que chegaram aos milhares ao sul do México para fugir da violência de seu país. O bispo participou de negociações entre o governo mexicano e o Exército Zapatista de Libertação Nacional - EZLN - para se chegar a uma solução do conflito armado de Chiapas. O bispo concedeu a entrevista a seguir por telefone, de sua residência.

**IHU On-Line - Qual foi sua experiência de ter sido durante 40 anos, bispo de uma diocese importante, como Chiapas?**

**Samuel Ruiz** - A importância da diocese depende do ponto de vista do qual é olhada. Eu diria que a diocese é importante pelas pessoas que ela abrange. Entre elas se destacam 80% de comunidades indígenas, com culturas diferentes. Um outro fato que a tornou conhecida foram às migrações de grupos indígenas da Guatema-

la. A instabilidade política da Guatemala provocou o êxodo para Chiapas de 35 mil refugiados guatemaltecos. Isso deu à diocese um reconhecimento externo. A diocese pode cobrir esse aspecto no lugar da sociedade civil. As comunidades mais próximas da fronteira e toda a diocese deram uma resposta forte. Isso deu à diocese uma repercussão fora do país. Um outro acontecimento foi o surgimento de um movimento armado como é o Zapatismo,

que também teve repercussões fortes no mundo.

### ***IHU On-Line - Que momentos o marcaram mais nesses 40 anos?***

**Samuel Ruiz** - A chegada foi uma grande surpresa. Encontrei uma densidade de população indígena à qual não estava acostumado e que aprendi a conhecer. Impressionou-me a marcada situação social indígena em contraste com outras realidades, uma clara situação de pobreza e conseqüentemente de marginalização. A idéia primitiva de “estar na diocese para ajudar os indígenas” teve uma descoberta diferente de que eles, com seus valores, nos ajudaram a compreender, inclusive nossa própria tarefa.

### ***IHU On-Line - Qual é a importância política dos povos indígenas na América Latina?***

**Samuel Ruiz** - No momento em que se desenvolvia no mundo, em 1992, a comemoração do assim chamado “descobrimento da América”, os indígenas do Continente tiveram uma reação que os fez reaparecer com uma nova consciência de serem sujeitos da história. Negaram-se a participar desses acontecimentos, que deram início a um despojo e um grande sofrimento. Quinhentos anos, segundo suas concepções de contar o tempo, é tão pouco que não vale a pena celebrar. Eles apareceram como conscientes de serem sujeitos de sua própria história, e isso foi um passo irreversível que teve manifestações muito claras da insurgência dos povos indígenas nos diferentes países da América Latina como Brasil, Bolívia, Peru, Equador. Movimentos insurgentes que incidem na política do país. Estamos diante de um fenômeno irreversível na história.

### ***IHU On-Line - Como vê o Movimento Zapatista?***

**Samuel Ruiz** - Existiram movimentos armados antes dos zapatistas, mas politicamente eles não tinham a intenção de tomar o poder como outros movimentos que se levantaram em armas no Continente. Eles não queriam tomar o poder, e sim

tornar conhecida a sua situação e, com a participação cívica-política dos cidadãos, passar a um momento de transição para chegar a um governo mais plenamente democrático. E essa é a situação concreta do momento presente. Eles fizeram uma consulta nacional e aceitaram a idéia de que não tinham que se transformar em partido político e sim em um movimento político e esse é o tom do movimento.

### ***IHU On-Line - Como caracterizaria o subcomandante Marcos?***

**Samuel Ruiz** - É uma pessoa que chegou às comunidades indígenas, viu a situação e fez dela causa comum. Ele foi tocado profundamente pela situação dos indígenas e se converteu em um porta-voz de sua situação concreta, auxiliando-os a organizarem um movimento armado, mas não é o gestor do movimento.

### ***IHU On-Line - Como percebe o cenário político do México em um ano eleitoral?***

**Samuel Ruiz** - Não só no México, mas na América Latina assim como na Europa, os momentos eleitorais são percebidos como momentos-limite na história dos partidos políticos. As reações contra a guerra do Iraque em todo o mundo e a repressão que sofreram esses movimentos, nos demonstram que já não há verdadeira conexão entre a representação que, por meio dos partidos, pode ter a sociedade e a verdadeira aceitação e continuação desses partidos. Há uma distância entre os eleitos por este caminho e as comunidades nacionais que estão encarregadas deles. Passa-se por cima das demandas da sociedade. Portanto, vê-se que os partidos políticos, no mundo, chegam a seu limite. Está terminado o tempo dos partidos como único caminho para a eleição dos representantes de uma comunidade. Vai-se gerando e está a caminho uma dimensão diferente que é a participação de organismos não-governamentais para que por meio deles se escolham os candidatos que representariam não somente a população no momento eleitoral, mas também ao longo de todo o tempo em um diálogo

constante entre os representantes e os que os elegeram.

***IHU On-Line* - Isso vale para partidos de esquerda e de direita?**

**Samuel Ruiz** - Todos têm chegado a seu limite, e o limite é que, lamentavelmente, tanto aqui como na Europa aparece uma contaminação dos partidos políticos. Antes uma pessoa que dizia “pertencço a este ou aquele partido”, recebia a força e a auréola do partido, agora recebe a corrupção e as situações negativas. Estamos sem forças e o que se nota é que as eleições em todos os países do mundo estão sendo feitas pelo relacionamento de uns partidos com os outros, por alianças etc., que passam, inclusive, por cima de suas próprias convicções políticas.

***IHU On-Line* - No próximo ano, acontece a Conferência Episcopal Latino-Americana. O que podemos esperar?**

**Samuel Ruiz** - Está acontecendo uma participação mais forte e ativa nas comunidades daquela que houve em outros momentos da história. Esperamos que haja, na Conferência Episcopal, uma assimilação das preocupações e expectativas das diferentes comunidades.

***IHU On-Line* - Como avalia o pontificado de Bento XVI?**

**Samuel Ruiz** - Não pode ser avaliado o que apenas está começando. Os cardeais, quando o escolheram, tentaram dar continuidade ao pontificado de João Paulo II.

# **destaques da semana**

**Entrevista da Semana** pg. 30

**Destaques on-line** pg. 32

**Deu nos jornais** pg. 43

**Frases da semana** pg. 45

## Os franceses ainda acreditam na política e no Estado

Entrevista com Marcel Gauchet

Marcel Gauchet, um dos mais atentos observadores da realidade francesa, afirmou em entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, 11-04-06, que os movimentos que se vêem na França são apenas movimentos de resistência, não produzem idéias, partem apenas de uma obsessão em exigir ação do Estado em um mundo que já deixou de lado a política.

Chefe redator de uma revista de prestígio, *Le Debat*, intelectual pouco mediático e muito ouvido, não esconde o seu pessimismo. Segundo a sua interpretação, a crise do CPE é um mau sinal: “A sociedade francesa está profundamente minada na sua identidade, nos seus pontos de referência históricos, no seu modo de funcionar. Está em estado de ebulição e desespero”. Eis a íntegra da entrevista.

### ***Repubblica* - Depois do não à constituição e a revolta nos “banlieues”, a crise do CPE: por que hoje e por que na França, professor Gauchet?**

**Marcel Gauchet** - Há uma desorientação geral que se exprime nestes movimentos. No fundo, o CPE é expressão daquilo que se pratica em toda a parte na Europa, mas uma cláusula sua foi interpretada em função da história francesa: para nós, dispensar sem motivo significa arbitrariedade, isto é, o Velho Regime, a Bastilha, o autoritarismo dos regimes bonapartistas. A França está doente porque o seu modelo histórico não entra no novo curso do mundo ditado pela europeização e pela mundialização. Por isso, a crise me parece muito profunda.

### ***Repubblica* - O que há de particular na relação dos franceses com sua história?**

**Marcel Gauchet** - A fé na política. Também os outros europeus estão preocupados com o crescimento da precariedade,

mas não pensam de ter o poder de incidir sobre a realidade. Os franceses, ao contrário, continuam a acreditando na política e no Estado. A herança histórica francesa é esta: a partilha na política. Por isso, os nossos vizinhos acreditam que sejamos um pouco loucos. Esta convicção explica muitas coisas, com frequência incompreensível no exterior, como a força da extrema direita: as pessoas não se resignam à insegurança ou ao fato de que não se pode controlar as fronteiras. Se um homem político quer suicidar-se, basta dizer que “o Estado não pode tudo”. É aquilo que fez Lionel Jospin, com o êxito que sabemos. Uma pesquisa mostrou recentemente que os franceses são aqueles que menos acreditam na economia de mercado: não pensam que se deve sair do mercado, mas pensam que o Estado deve dominar o mercado.

### ***Repubblica* - Quais são as responsabilidades da classe política, a distância**

### **entre as palavras e os fatos de Mitterrand e Chirac?**

**Marcel Gauchet** - São enormes. Pagamos pelo predomínio de personalidades extremamente cínicas. Mitterrand adotou de fato o neoliberalismo, mas continuou dizendo que fazia uma política socialista; disse que a Europa seria uma França maior, no entanto a realidade da integração europeia significa adaptar-se a um mundo diverso. Chirac é ainda mais cínico: tem um discurso generoso, progressista, protetor, no entanto os seus primeiros ministros fazem uma política totalmente diversa. É uma enganação. Ninguém, nem mesmo entre os intelectuais e os jornalistas alguém teve a ousadia de explicar aos franceses que coisa comportava a Europa e a mundialização em relação ao seu modelo histórico. Ninguém disse a eles: "você precisam mudar".

### **Repubblica - A raiva dos jovens franceses pode chegar a outros países?**

**Marcel Gauchet** - Não acredito, porque estamos diante de um movimento de resistência, que não produz idéias. Não há

nenhum projeto francês, e o nosso modelo está em crise. Por esse motivo, o efeito é limitado: os franceses são incapazes de resolver os seus problemas internamente, imagine se podemos ser um exemplo.

### **Repubblica - Não é muito pessimista?**

**Marcel Gauchet** - A verdadeira incógnita é saber se o País tem ainda energias para reagir a esta profunda depressão, se os franceses são ainda capazes de dar um conteúdo ao voluntarismo ao qual estão tão agarrados. É necessário adaptar-se à Europa e à mundialização assim como são, não como queremos que fosse: há alguém em condições de dizer a verdade à gente? Preocupa-me o fato de que este país não tem mais a sua fé tradicional na inteligência. Houve outros momentos nos quais a França andava mal, mas havia pessoas para analisar as coisas, para desenhar soluções. Agora é como se esta capacidade estivesse anestesiada. É isso que me inquieta.

# Destaques on-line

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) durante a última semana. Seleccionamos duas dessas entrevistas, que podem ser conferidas na editoria *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

A entrevista com Alain Gignac recebeu destaque na página principal do sítio do IHU em 12 de abril de 2006. A entrevista com Lothar Hoch foi ao ar em 10 de abril.

## Paulo de Tarso e Os filósofos contemporâneos

Entrevista com Alain Gignac



Dando continuidade ao tema de capa da *IHU On-Line* 175, de 10 de abril de 2006, *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, entrevistamos por e-mail o filósofo canadense Alain Gignac sobre esse assunto.

Gignac é professor assistente na Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Universidade de Montreal, do Canadá, desde 1999, onde leciona Novo Testamento. Especializado no *corpus* paulino, ele interessa-se pelos métodos de análise sincrônica (retórica, estrutural, narratológica e intertextual) e os

seus impactos hermenêuticos. A sua investigação *Ler a Carta aos Romanos hoje*, subvencionada pelo governo canadense, propõe-se reler os romanos com estes métodos, mas também sobre o horizonte do questionamento moderno/pós-moderno: como o escrito paulino propõe uma identidade e um agir no seu leitor? Um comentário da carta está em preparação.

De sua produção acadêmica, citamos *Juifs et chrétiens à l'école de Paul de Tarse. Enjeux identitaires et éthiques d'une lecture de Rm 9-11*, coll Sciences bibliques 9, Montréal, Médiaspaul, 1999, 342 p.

***IHU On-Line* - Por que considera importante falar de São Paulo e, especialmente, de sua recepção no Ocidente, numa época como a nossa, na qual**

**teologia e religião parecem postas à parte?**

**Alain Gignac** - Na modernidade, a religião está circunscrita à esfera privada, e o estatuto

universitário (epistemológico) da teologia é precário. Isso se verifica com acuidade na sociedade de Quebec, que é secularizada, em reação com um passado não muito longínquo em que o catolicismo dominava o social, o político e o cultural. A sociedade de Quebec é “hiperlaica”, onde se vive bem sem nenhuma referência religiosa – uma real exceção na América do Norte! Ora, por sua vez, a modernidade foi posta em questão. Primeiro filosoficamente, por causa de seu discurso de apossamento do saber, cada vez mais criticado (cf. Lyotard<sup>23</sup>, Foucault<sup>24</sup>). Depois, a modernidade é abalada politicamente, após o choque dos totalitarismos em meados do século XX e o desmoronamento do mundo bipolar no final do século. O ideal do progresso e o da democracia parecem bater asas. Eis que, por ocasião desta crise da modernidade, de maneira surpreendente, diversos filósofos europeus, na maioria não-cristãos, se voltam a Paulo para refletir em novas bases as questões de hoje. Seria esta volta a Paulo uma moda? Em todo o caso, ela é real. É preciso considerar que Paulo é um “clássico” do Ocidente, que, por diversas vezes, foi catalisador de mudanças de paradigma, tanto em teologia como em filosofia. Agostinho<sup>25</sup>, Lutero<sup>26</sup>, Barth<sup>27</sup>, mas também

Nietzsche<sup>28</sup> ou Heidegger<sup>29</sup> eram leitores de Paulo e só podem se compreender em relação a ele. Trata-se da densidade do estilo

---

católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>26</sup> **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão. É o pai espiritual da Reforma Protestante (outro reformador, ver: João Calvino). Como monge agostiniano, tornou-se teólogo e queria alcançar reformas, vistas como necessárias, sem inicialmente pretender dividir a Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>27</sup> **Karl Barth** (1886-1968): de 1911 a 1921 foi pastor calvinista. Mais tarde foi professor de Teologia em Bonn, na Alemanha. Escreveu entre outros livros: *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. Dele publicamos extratos sobre Mozart na edição 174 de 3 de abril de 2006 intitulado *Mozart foi um anjo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>28</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Na edição 175 publicamos uma entrevista com Emílio Brito intitulada *Nietzsche, Paulo e o Cristianismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o Dasein. Este Dasein é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo; ser-para-a-morte” é o que deixa de existir.” Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade para o homem. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

---

<sup>23</sup> **Jean-François Lyotard** (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1954; *O inumano : considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa, 1990; *Heidegger e 'os judeus'*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999; *A condição pós-moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>24</sup> **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês, foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>25</sup> **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos

de Paulo? De sua vivacidade? Das imagens e metáforas brutais e explosivas que se exprimem nestes textos? Do gênero literário “cartas paulinas” de que ele é o inventor? Sempre é verdade que se considerou Paulo como um mestre a ser pensado, um texto apto a provocar um choque e a alimentar a reflexão. E que ele é novamente redescoberto, após um eclipse temporário.

### **A espessa floresta paulina**

De minha parte, como especialista do *corpus paulino*, este fenômeno me interpela. Avançando em minhas próprias pesquisas, isto é, lendo o texto paulino com minha própria sensibilidade literária e as questões que me habitam, eu entro em diálogo com estes outros intelectuais que percorrem o mesmo terreno de caça que o meu. Como teólogo, eu sou um pouco o guarda-caça que conhece bem as veredas que percorrem a espessa floresta paulina. Entretanto, eu admiro esses caçadores furtivos que desentocam em Paulo novas caças e traçam aí novas veredas. Eu tenho a chance de viver um momento emba-lador da pesquisa paulina hoje, que não é mais restrita à aproximação estritamente histórica, ou ao domínio teológico, mas se abre a novos horizontes.

### **IHU On-Line - Como se apresenta a recepção do pensamento paulino nos filósofos atuais?**

**Alian Gignac** - Além de Taubes<sup>30</sup>, Badiou<sup>31</sup>

<sup>30</sup> **Jacob Taubes** (1923 - 1987): sociólogo da religião, filósofo e especialista em judaísmo. Nasceu em uma antiga família de rabinos. Ele obteve seu título de doutor em 1946, com a tese *Abendländische Eschatologie* e inicialmente ensinou estudos religiosos e estudos judeus nos Estados Unidos. A partir de 1965, foi professor de Estudos Judeus e Hermenêuticos da Universidade Livre de Berlim. Ele é autor da importante obra *Die politische Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg*, 23.-27. Februar 1987. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> **Alain Badiou** (1937): filósofo, dramaturgo e roman-cista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. Ele é autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme*. Paris: PUF, 1997. O livro foi várias reeditado na França e traduzido em diferentes línguas, como o inglês e o italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

e Agamben<sup>32</sup>, considerados mais adiante, poder-se-ia citar Paul Ricoeur<sup>33</sup>, François Lyotard, Michel Serres<sup>34</sup> e Stanislas Breton<sup>35</sup>, que se interessaram por Paulo na França. O texto de Paulo não será, talvez, ensinado tão cedo nas faculdades de filosofia (malgrado o desejo explícito de Taubes), mas não é mais incongruente interessar-se por esta grande figura fundadora do Ocidente (com o mesmo direito que Agostinho, Kant ou Hegel).

### **IHU On-Line- Poderia comentar especialmente a visão do pensamento paulino de Taubes, Badiou e Agamben? Por que a escolha destes três filósofos?**

**Alain Gignac**- A escolha deste trio se fez um pouco por acaso, por causa de leituras e de discussões com colegas, e também pela coincidência de sua publicação em francês. Eu tomei consciência, porém, que existem relações complexas entre eles. Agamben

<sup>32</sup> **Giorgio Agamben** (1942): Nasceu em Roma. Participou no seminário que Heidegger dirigiu em Le Thor, em 1968, e é o responsável pela edição da *Einaudi* das obras completas de Walter Benjamin. Já conta com uma extensa listagem de publicações dentro do gênero ensaístico. Publicou entre outras obras *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000. Para conhecer mais sobre Agamben conferir a revista *IHU On-Line* edição 164. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>33</sup> **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na *IHU On-Line* 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003. A edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria *Memória* sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>34</sup> **Michel Serres** (1930) filósofo francês, escreveu entre outras obras *Éléments d'Histoire des Sciences*. Paris: Bordas, 1989, *Hermes: Uma Filosofia das Ciências*. Rio de Janeiro: Graal, 1990 e *O contrato natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. Atuou como professor visitante na USP. Desde 1990, ele ocupa a poltrona 18 da Academia Francesa.

<sup>35</sup> Entre as múltiplas filosofias contemporâneas do jogo, na esteira de Heraclito e Nietzsche, destacamos a de Stanislas Breton, com esse "jogo da superabundância" que vê como a "pura passagem" do inefável "princípio-nada"/"nada-imaginário" "às suas diferentes meta-morfoses", passagem que, não por ser "irracional", mas por dar-se "aquém de toda a "explicação"" (inclusive a de irracionalidade), diz recusar "toda a razão" (Nota da *IHU On-Line*)

dedica, de maneira póstuma, seu livro a Taubes, e Agamben e Badiou têm uma querela de fundo mais ou menos explícita a propósito da universalidade.

Não é nada fácil resumir-los em algumas linhas. O livro de Taubes - *Die politische Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg*<sup>36</sup>, - por causa de circunstâncias particulares de sua gênese, é muito explosivo. Trata-se da publicação póstuma de algumas conferências gravadas quando o filósofo judeu alemão vivia a fase terminal do câncer que iria levá-lo a morte. O autor não pôde revisar as transcrições, e o texto está repleto de digressões (aliás, apaixonantes). Para Taubes, Paulo é o pensador judeu que nos permite conceber melhor uma crítica política radical do direito, da lei. Com isso, Paulo é o fundador de um novo povo, um desafio tanto à identidade judaica quanto à ideologia imperial (ontem, a de Roma, hoje, a dos Estados Unidos). Os dois autores são muito mais estruturados, eles puderam “afinar” sua leitura de Paulo no decurso de vários seminários, e esta leitura se situa, ela própria, numa obra mais englobante (que eu não posso abordar aqui). O livro de Agamben - *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani*<sup>37</sup>, - prolonga a intuição de Taubes, fazendo apelo a um mestre comum a Taubes e a ele: Walter Benjamin.

### O messianismo de Paulo

Paulo não é nada menos que o maior pensador messiânico de todos os tempos, o interlocutor de Weber<sup>38</sup>, Heidegger, Hegel<sup>39</sup>

<sup>36</sup> *Die politische Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg*, 23.-27. Februar 1987. (Nota do entrevistado)

<sup>37</sup> *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000. (Nota do entrevistado)

<sup>38</sup> **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título

e Benjamin<sup>40</sup>. Mais precisamente, Paulo descreve uma postura política que nos permite um retrato “anárquico” do caos da história. O tempo messiânico é o tempo que resta, o tempo deslocado que abre um espaço crítico que torna possível uma real liberdade. Enfim, o livro de Badiou<sup>41</sup> apresenta Paulo como o fundador do universalismo que possibilita (e teoriza) um terceiro discurso, entre o discurso “judeu” das identidades particulares e o discurso “grego” da identidade pseudo-universal, em que a cultura dominante conduz a um nivelamento superficial. Segundo Badiou, Paulo descreve a postura filosófica daquele que dá testemunho de um evento incondicionado na banalidade da história, tornando-se, assim, plenamente sujeito.

### O momento propício para compreender Paulo.

Malgrado sua querela, Badiou e Agamben se reúnem em sua crítica da obsessão identitária, no cuidado de fundamentar de outra forma o “sujeito”, longe de todo cartesianismo. Eles se unem na idéia de que Paulo

---

*Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Cem anos depois*, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação** nº 3, 2005, chamado **Max Weber – o espírito do capitalismo**. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>39</sup> **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX.

<sup>40</sup> **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão, crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>41</sup> *Saint Paul: la fondation de l'universalisme* (Les Essais du Collège international de philosophie), Paris, 1998 (1997).

nos permite estruturar nosso pensamento político e nos fornece uma porta de saída para relançar a militância. Ou ainda, a época atual seria o momento propício para compreender Paulo (Agamben) e Paulo seria um dos textos maiores para compreender nossa época (Agamben e Badiou). Em suma, Paulo é nosso contemporâneo. Pode-se discutir com ele, como se discute ainda com Parmênides ou Platão.

### ***IHU On-Line - Qual é a importância da carta aos Romanos? Que chaves de leitura seriam importantes para compreender os temas de fundo que ela suscita?***

**Alain Gignac** - A Carta aos Romanos é um reservatório que parece inesgotável. Houve quem se apoiasse nela para pensar a predestinação, a eleição, a justificação somente pela fé, o pecado original, a revelação natural, as relações entre a Igreja e o Estado, as relações entre judeus e cristãos após a Shoah<sup>42</sup>, etc. – todos os temas que são anacrônicos no momento da redação da carta (I<sup>o</sup> século), mas que encontraram ali, muitas vezes em uma metáfora, uma ancoragem mais fértil. Como eu disse mais acima, caricaturando um pouco, poder-se-ia dizer que cada giro decisivo da história do cristianismo se apoiou em Romanos: pensemos em Agostinho (passagem do cristianismo antigo à cristandade medieval), em Lutero (a cisão protestante), em Barth (a teologia dialética).

### **Paulo, um “cubista”?**

---

<sup>42</sup> **Shoah:** Significa holocausto. O holocausto tem origens remotas em sacrifícios rituais pagãos da Antigüidade em que animais (por vezes até seres humanos) eram oferecidos às divindades, sendo completamente queimados durante a noite. Este tipo de sacrifício também foi praticado por tribos judaicas. A partir do século XIX, a palavra holocausto passou a designar grandes catástrofes e massacres, até que após a Segunda Guerra Mundial o termo Holocausto (com inicial maiúscula) passou a ser utilizado especificamente para se referir ao extermínio de milhões de judeus e outros grupos considerados indesejados pelo regime nazista de Adolf Hitler. (Nota da *IHU On-Line*)

De minha parte, eu fico fascinado porque a carta é plurívoca, que ela não comporta uma só apresentação de Deus, do Cristo, do humano e de suas interações, mas diversos discursos. Diversos pontos de vista se fazem aí entender (incluído aquele de um interlocutor virtual que põe questões ou objeções a Paulo). Assim, caso se atenda às tensões ou mesmo contradições do texto, percebem-se diversas descrições da justiça de Deus nos quatro primeiros capítulos, como se Paulo fosse um Picasso que, para pôr no papel sua visão do humano e de Deus, deveria entregar-se a diversas retomadas, para expor de maneira “cubista” as diferentes facetas da justiça de Deus. No comentário que eu estou a ponto de redigir, eu não encontro menos de sete! Passo a passo, uma justiça vingativa, uma justiça legal, uma justiça fora da lei são encaradas. Cada discurso assume o precedente, mas a modela e corrige, operando deslocamentos significativos na maneira de encarar a justiça. E assim por diante...

### **A carta aos romanos revela estruturas antropológicas universais**

Uma outra chave de leitura importante da carta, é que em Jesus Cristo o mundo conheceu uma transformação radical. Trata-se de uma visão do mundo que os especialistas qualificam de “apocalíptica”, conforme o nome da literatura judaica na qual o mecanismo desta transformação é desvelada e esperada. Ora, eis a afirmação inaudita de Paulo – mesmo para um judeu do I<sup>o</sup> século, impregnado desta visão e destes escritos apocalípticos: não se deve mais esperar a transformação, mas ela adveio pelo Cristo. O mundo antigo, no qual a humanidade era escrava duma estrutura de opressão (Pecado – Morte – Lei), foi vencido graças à fidelidade do Cristo a Deus, que nos concede sua justiça. Este discurso da Carta aos Romanos tem algo de mitológico, mas também desvenda intuições profundas sobre estruturas antropológicas universais. Não é por nada que Paulo qualifica seu discurso de “Evangelho”, isto é, em grego: anúncio extraordinário. Não é por nada que os filósofos contemporâneos se voltam para Paulo pa-

ra aí procurar o novo, o radical, o libertador, o extraordinário.

***IHU On-Line - De que modo o cristianismo, e especialmente o pensamento de Paulo se refere à aparição da modernidade no Ocidente?***

**Alian Gignac** - Eu não sou filósofo nem especialista em história das idéias. Eu só posso lançar algumas intuições sem muita ordem. Primeiramente, o cristianismo – e você fará a comparação com as outras religiões – sempre tentou conciliar fé e razão, sem jamais deixar cair uma ou outra. Em segundo lugar, a lógica da encarnação conduz a uma valorização muito grande do humano e de sua autonomia. Em terceiro lugar, o ser humano é criado à imagem de Deus, e, portanto “sagrado” (A Carta canadense dos direitos, malgrado a secularização, fundamenta os direitos dos cidadãos na existência de Deus). Em quarto lugar, encontra-se a injunção: “Tu não farás ídolos”. Razão, autonomia, direitos humanos, crítica da religião: estes quatro temas caros à modernidade mostram que esta é de certa maneira devedora do cristianismo, embora também devesse, legitimamente, distanciar-se dele.

**Razão, autonomia, direitos humanos e crítica do discurso sobre Deus**

Pelo que se refere a Paulo, pregador judaico-cristão itinerante do 1º século, com suas raízes judaicas e sua cultura helenística, qual é sua relação com a modernidade? Se eu retomo os quatro temas que eu acabo de evocar, eu constato que Paulo participa deles à sua maneira. Razão: ele argumenta, cria um discurso teológico inédito, comenta a escritura. Autonomia: ele insiste na liberdade inaudita, mas terrivelmente exigente do cristão. Direitos humanos: ele tem o cuidado de edificar a comunidade e o indivíduo, sempre no respeito do fraco; ele afirma que o ser humano salvo é irmão do Cristo (morto por ele) e filho do Pai. Crítica do discurso sobre Deus: ele faz a apologia do antidiscurso do escândalo da cruz; sua maneira de escrever, feita de tensões e de metáforas, produz um efeito de pluralismo,

de pluralidade das vozes, que é uma crítica da teologia.

***IHU On-Line- A crise da modernidade é uma crise do cristianismo?***

**Alian Gignac**- Que grande questão! O cristianismo resistiu à modernidade, mas integrou, sem jamais o admitir, os procedimentos e os valores (tomai, por exemplo, a necessidade de encontrar duas curas cientificamente inexplicáveis para canonizar alguém: trata-se de um critério positivista... e teologicamente aberrante). Ora, a teologia do concílio Vaticano II<sup>43</sup> (1962-1966) é uma reconciliação (inacabada, sem dúvida) com a modernidade: liberdade de consciência, pluralismo religioso, direitos humanos, esperança, etc. Assim, quando a modernidade está em crise, o cristianismo também deve se sentir atingido. Por exemplo, a teologia da história da salvação, bastante triunfalista, é uma versão muito teológica, mas também muito moderna dos grandes relatos, dos quais a (pós-)modernidade criticou o caráter totalitário. Como teólogo, formado intelectualmente pelo melhor da modernidade, eu devo ser também muito sensível às intuições e deslocamentos (pós-) modernos. O cristianismo não deve ficar indiferente a esta crise: pois ele tem valores modernos a conservar. Não é um inimigo, quem tem problemas, é uma parte do cristianismo que está abalada. Dito isto, o cristianismo, felizmente, jamais esteve ligado a uma tradição filosófica, nem a uma cultura, embora ele tenha tido esta tentação por diversas vezes (e ainda hoje). Fazer teologia foi sempre – porém isto se torna ainda mais urgente hoje em dia – retornar aos textos do Novo Testamento, com as questões contemporâneas na cabeça, mas pondo-se atentamente à escuta dos textos. Eu tam-

<sup>43</sup> **Concílio Vaticano II:** Realizado entre 1962 e 1965, é considerado o maior acontecimento da história da Igreja, do século XX. Durante o Concílio Vaticano II, foram publicados dois documentos. A constituição dogmática *Lumen Gentium*, que foi tema de capa da *Revista IHU On-Line*, edição nº. 124, de 22 de novembro de 2004, e a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que foi tema de capa da *Revista IHU On-Line*, nº. 157, de 26 de setembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*).

bém, eu creio que Paulo é nosso contemporâneo.

**IHU On-Line - O que podemos esperar do cristianismo no futuro, qual poderia ser seu lugar?**

**Alian Gignac** - O lugar do cristianismo será sempre aquele do pensamento radical, exigente, em busca de verdade e de coerência, mas também o do engajamento pela justiça e pelo humano.

**IHU On-Line - De que modo a liberdade e a universalidade são compreendidas por Paulo e qual é o significado destes valores na contemporaneidade?**

**Alain Gignac** - Malgrado Agamben e Badiou, que secularizam o pensamento paulino (é seu direito e é estimulante) e mesmo eliminam o caráter cristológico, é sempre verdade que os textos de Paulo são portadores duma experiência religiosa, da qual dão testemunho. Trata-se da experiência do Ressuscitado (ele está vivo!) feita pelos primeiros cristãos. Uma experiência “espiritual” que é a mesma coisa como aquela de se

sentir plenamente e fundamentalmente “filho e filha de Deus”, quando o Espírito do Ressuscitado, no qual somos lançados clama em nós “Aba, Pai”. De um ponto de vista cristão, eis o fundamento, tanto da universalidade, como da liberdade. Para retomar as palavras de uma outra carta de Paulo, dirigida em seu tempo aos Gálatas, mas duma modernidade surpreendente: “Pois todos vós sois, pela fé no Cristo Jesus, filhos de Deus. Sim, vós todos que em Cristo fostes mergulhados no batismo, vós revestistes o Cristo. Não há nem judeu, nem grego, não há nem escravo, nem homem livre, não há homem, nem mulher, pois todos vós sois apenas um no Cristo Jesus. E, se vós pertenceis ao Cristo, então vós sois a descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa. [...] Filhos, vós o sois. Deus enviou aos nossos corações o Sopro de seu filho que clama: “Aba”, Pai. Tu já não és, pois, escravo, mas filho; e como filho, herdeiro de Deus” (Gálatas 3, 26-29; 4, 6-7, *Bíblia, Nova tradução*, Paris-Montéreal: Bayard-Médiaspaul, 2001).

# "O cristianismo não tem o monopólio da verdade"

## Entrevista com Lothar Hoch

O reitor da Escola Superior de Teologia (EST), Lothar Carlos Hoch, concedeu a entrevista que segue para a *IHU On-Line* na última semana, por telefone, por causa dos 60 anos da EST.

Hoch, que é graduado em Teologia pela EST, especialista em clínica pastoral pela Seelsorge Institut An Der Kirchlichen Hochschule Bethel, Alemanha e doutor em Teologia pela Philipps Universität, Alemanha, abordou na entrevista as diversas correntes teológicas que perpassam a trajetória de seis décadas da EST, discutindo também os caminhos atuais da teologia da libertação. Eis a entrevista:

### ***IHU On-Line* - Quais os principais pontos que marcaram a trajetória histórica da EST durante esses 60 anos?**

**Lothar Hoch** - A Escola de Teologia foi fundada em 1946, no período pós-guerra. Era um período em que, teologicamente, todo mundo estava em um grande conflito, não só bélico. Era um conflito teológico e de valores. Isso porque vínhamos de um tempo em que algumas igrejas alemãs e de outros países do Ocidente cristão apoiavam a guerra, ou de um lado ou de outro, e na medida em que fomos entrando mais a fundo, vimos, por exemplo, quantos horrores estavam sendo cometidos em relação aos judeus na Europa. A palavra símbolo disso é o holocausto. A Escola de Teologia surgiu num tempo em que se perguntava como Deus podia permitir Auschwitz. Esse foi o nosso nascedouro. Nós tínhamos que refundamentar o pensamento teológico, tínhamos que fazê-lo com a experiência dolorosa de que Deus não intervém na história da humanidade da maneira como nós o desejamos e como precisaríamos. Isso foi contundente para nós, da América Latina, porque também tínhamos passado, na nossa história, por um período de massacre dos povos indígenas. Teologicamente, nos per-

guntamos como Deus permitia aquilo. Com isso, tivemos que nos dar conta de que a teologia precisa enfatizar muito mais a responsabilidade humana para gerir o destino desse nosso mundo. A teologia precisa muito mais da responsabilidade ética de nós, seres criados à imagem de Deus, para sermos co-gestores de Deus nos destinos desse mundo. Isso foi o primeiro desafio, na época do nascimento da EST: um período muito marcado pela teologia do pós-guerra na Alemanha.

### **A segunda fase da EST**

O segundo momento teológico da nossa trajetória foi sobre a maior busca por uma contextualização da teologia no cenário latino-americano e brasileiro. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, como uma igreja de imigração, tinha, evidentemente, laços muito fortes com a cultura e com a língua alemã. Os professores eram todos alemães na primeira fase. Então, o grande desafio dessa época foi contextualizar a teologia na cultura brasileira e latino-americana. Esse processo se deu a partir dos anos 1960 e 1970, com a formação de teólogos e teólogas brasileiras para substituir o quadro docente da primeira fase. Depois, atualizamos a nossa

biblioteca para ter um acervo mais brasileiro e com pesquisas de temas do nosso contexto. Optamos pelas perguntas específicas da realidade e problemática brasileiras e latino-americanas.

### **A terceira fase: abertura ecumênica**

O terceiro momento foi de uma crescente abertura ecumênica da nossa teologia. No primeiro momento, éramos a Escola de Teologia. No segundo momento, passamos a ser Faculdade de Teologia, e nesse terceiro momento fomos nomeados como Escola Superior de Teologia, isso nos anos 1980. Era chegada a hora de entrarmos em diálogo com a teologia da libertação. Iniciamos o processo de diálogo ecumênico, em que as relações com a Igreja Católica foram se aprofundando. Foi quando começamos a criar o grupo de diálogo católico e luterano. Foi um momento muito frutífero. Desde então, isso marca a nossa instituição: a abertura ecumênica. Até essa terceira fase, o projeto de formação estava ainda bastante voltado para o público interno da nossa Igreja, com a formação de pastores. Depois, a partir da década de 1970, começamos com a formação de pastoras, de lideranças nas comunidades, nas bases da igreja, e tudo com quadros docentes próprios, não mais "importados".

### **Uma diversificação de ofertas**

Se antes o trabalho e a formação eram voltados para um público interno, na quarta fase passamos a diversificar a nossa oferta. Conquistamos o nível de pós-graduação, com cursos de mestrado e doutorado, para um projeto de formação ecumênica. Hoje, há mais pessoas não-luteranas fazendo mestrado e doutorado na EST do que luteranos. Nós abrimos a EST para todos aqueles e aquelas que queiram estudar e pesquisar num espírito de liberdade acadêmica, sem tutela ideológica. Passamos a atuar em outras áreas, como a da música, oferecendo o único curso técnico de música do Rio Grande Sul, e o curso de Musicoterapia, também único no Estado. Passamos a atuar mais no campo da educação. Temos uma área de concentração

chamada "educação e religião", além de muitas pesquisas na área da educação. Abrimos para a área da saúde, oferecendo o curso de Enfermagem a nível técnico, com especialização na área da gerontologia. E estamos crescentemente atuando na área do serviço social, que nós chamamos de diaconia.

### ***IHU On-Line* - Quais as correntes teológicas que a EST segue no decorrer da sua história até hoje?**

**Lothar Hoch** - Temos o fundamento teológico da nossa instituição: o da reforma luterana do século XVI. Esse é o nosso distintivo. E, evidentemente, estamos baseados na sagrada escritura. Temos nos mantido fiéis a esse fundamento bíblico e reformatório. É uma constante da nossa trajetória, da nossa história. Evidentemente, a própria tradição reformatória tem correntes diferentes. Por exemplo, uma corrente de cunho mais pietista, que acentua mais o lado da piedade pessoal. Isso nós consideramos como importante. Esse lado está presente na nossa tradição teológica e na nossa formação.

### **As correntes profética e carismática**

Além disso, há a corrente mais profética, de engajamento e transformação social, que busca a construção de uma sociedade e de um mundo mais justos. Mais recentemente, temos também, no interior da nossa igreja, a corrente carismática. Isso também se reflete para o contexto acadêmico da Escola Superior de Teologia. Consideramos esses diferentes acentos e correntes teológicos como a constituição de fatores de tensão, mas também de enriquecimento. Nós procuramos considerar isso como uma riqueza, porque nenhuma dessas correntes consegue abarcar toda a verdade bíblico-evangélica. Consideramos que tanto o cultivo da espiritualidade pessoal do cristão, do teólogo ou da teóloga são importantes, quanto o engajamento na construção de um mundo novo e que a espiritualidade e a fé precisam dar o fôlego para a atuação profética no mundo.

### **Um flanco aberto**

Também precisamos reconhecer que as teologias das igrejas históricas no Brasil, inclusive a Igreja Católica, negligenciaram, nos últimos tempos, a dimensão do terceiro artigo do credo, que é o artigo que fala do Espírito Santo e que é representado hoje pelo movimento carismático. A força propulsora, o fogo, o dinamismo do Espírito Santo são o fator fundamental da teologia cristã. A minha tese é a de que, pelo fato de as igrejas históricas terem negligenciado, por exemplo, a dimensão da cura, e por termos tido uma interpretação acadêmico-dogmática da verdade, deixamos um flanco aberto, para que as igrejas de cunho pentecostal e carismático tivessem o crescimento que têm hoje. Digo isso no sentido autocrítico. Também sou da opinião de que nós precisamos estar muito atentos ao próprio desenvolvimento do movimento carismático pentecostal, devido aos flagrantes exageros que ele hoje comete, por querer resolver problemas ou atribuir os problemas das pessoas, do mundo e da sociedade, a fatores sobrenaturais e, com isso, impedir que os fiéis, especialmente os mais humildes, enxerguem as reais causas do seu sofrimento, da sua doença e da sua pobreza.

#### ***IHU On-Line* - Quais os impactos da corrente da teologia da libertação na instituição?**

**Lothar Hoch** - Devemos entender os fenômenos sociais, culturais, as questões de gênero, de saúde e trabalho, e as questões ecológicas, que se observam no mundo contemporâneo, inclusive as questões de injustiça, opressão, comércio desigual, como um processo histórico. Esse processo tem estruturas, sujeitos históricos, sejam individuais ou corporativos, interesses e conjunturas internacionais, ou seja, fatores empíricos, que estão atrás das estruturas vigentes. Não são poderes sobrenaturais que regem essas coisas. A dor, o sofrimento, a opressão, a injustiça e a discriminação não têm uma explicação apenas metafísica. Essa é a grande contribuição da teologia da libertação. Uma teologia que partiu de uma análise de conjuntura e que procura ver quem são os sujei-

tos da história. Ela devolve ao ser humano o papel de sujeito histórico das mudanças e transformações e mostra que Deus é um Deus que fortalece o braço do fraco e o ajuda a mudar a estrutura, sem entender o seu sofrimento como um destino traçado pelos deuses. Somos parceiros de Deus, cooperadores para a construção do seu reino na terra. Por conseguinte, não se pode colocar todas as esperanças para um mundo no além. Isso é uma contribuição inalienável da teologia da libertação. Por isso tudo, ela não pode morrer e não está morrendo, na minha convicção. Pelo contrário. Ela encontra novas formas de articulação, busca novas alianças, inclusive políticas, com ONGs, e consegue aprovar novas leis. No passado, tudo o que a teologia da libertação tinha de excesso de idealismo, hoje ela tem em pragmatismo. Aqui entram as novas leis, alianças e metodologias que acabo de mencionar. Atuamos na EST com uma teologia mais conscientizadora, discutindo, buscando e encontrando parceiros, seja privados, seja públicos, de outras universidades, para o nosso ensino, a nossa pesquisa e a nossa atuação na esfera social.

#### ***IHU On-Line* - Quais os autores mais aprofundados na EST hoje?**

**Lothar Hoch** - Hoje estudamos pessoas como Paul Tillich, Hans Küng, Dietrich Bonhoeffer. Priorizamos teólogos e teólogas que privilegiam o aspecto do diálogo inter-religioso, das questões de gênero, de etnia, de espiritualidade e de saúde. Estamos redescobrimo filósofos como Kierkegaard e Gadamer, além de psicólogos e educadores, como, por exemplo, Paulo Freire. Hoje não temos mais escolas teológicas. O que temos é uma diversidade de saberes que se complementam. Não temos a convicção de que um ou outro teólogo seja capaz de articular toda a complexidade do pensamento teológico-filosófico.

#### ***IHU On-Line* - Quais os desafios atuais da formação teológica?**

**Lothar Hoch** - Um dos grandes desafios atuais para a formação teológica é formar profissionais afinados com as questões e

angústias que a pessoa moderna está experimentando hoje. Ela se pergunta pelo sentido da vida, pela qualidade de vida, por referenciais éticos que as orientem e sustentem na sua crise pessoal, familiar, profissional e nas crises que são características do próprio ciclo da vida, como o envelhecimento e a morte. O desafio é formar profissionais que saibam se relacionar com todas as vicissitudes e contingências da vida humana. E também profissionais que sejam capazes de atender a um anseio espiritual. Hoje há a sede de um ancoradouro espiritual que não seja superficial, que não dê respostas baratas.

### **A importância da consciência ecológica**

Outro desafio é o de termos profissionais na docência e no exercício do ministério na Igreja, que consigam ter uma consciência ecológica cada vez mais afinada, mais sensível à própria sobrevivência do Planeta e até do nosso cosmos. Outra frente importante seria a necessidade de profissionais pensadores, que não pensem em termos dogmaticamente absolutos, no sentido de achar que uma direção do pensamento, uma filosofia ou uma teologia consigam, sozinhas, articular toda a verdade. Precisamos ser modestos e ter a consciência de que só temos fatias da verdade e nunca a verdade toda. Precisamos, com isso, buscar a verdade em conjunto com outras ciências, praticar a tal interdisciplinaridade. Devemos, como cristãos e cristãs, estar abertos ao diálogo inter-religioso, na consciência de que Deus revelou parcelas da verdade entre outros povos e culturas e outras formas de vivência ou mo-

vimentos religiosos. O cristianismo não tem o monopólio da verdade.

### ***IHU On-Line* - Qual a importância da cátedra de Teologia Feminista?**

**Lothar Hoch** - A cátedra existe na EST desde o início da década de 1980, sendo uma das primeiras cátedras de teologia feminista da América Latina e do Hemisfério Sul. Ela aguçou a nossa percepção, tanto das igrejas, da sociedade e de nós, homens, com nossa perspectiva que era androcêntrica e, durante muito tempo, patriarcal. Isso nos cegou parcialmente para uma visão mais equilibrada da realidade, e a própria teologia acabou tendo um viés unilateral. A cadeira feminista, com a pesquisa que se fez e está se fazendo nessa área, as publicações, as teses e dissertações defendidas, começaram a sensibilizar pessoas e a aguçar a consciência para esse quadro acima descrito. Isso, num segundo momento, fez com que passássemos a desenvolver uma hermenêutica bíblica, uma forma diferente de interpretar e compreender a bíblia, além de desenvolver uma sensibilidade maior para descobrir, na própria escritura, sinais e evidências de uma participação profética muito maior de mulheres do que antes nós éramos capazes de perceber. Nós, na EST, já formávamos teólogas pastoras antes disso, mas a criação dessa cadeira contribuiu para que hoje o ministério feminino fosse melhor aceito, mais ainda do que era antes, e contribuiu para que tivéssemos um contingente muito maior de mulheres ocupando cátedras docentes no âmbito da EST.

# Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), editoria *Notícias Diárias*, apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

## **O Movimento Consulta Popular e a conjuntura eleitoral**

O Movimento Consulta Popular, constituído em 1997 a partir da crítica da institucionalização da esquerda brasileira, ao lado da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) e das Pastorais Sociais, organizaram em outubro de 2005 a Assembléia Popular em Brasília, na qual ficou evidente uma forte crítica à democracia representativa, como incapaz de responder às reivindicações históricas do movimento social brasileiro.

A aposta dessa articulação é o fortalecimento da democracia direta e participativa. Com a proximidade do processo eleitoral, a Consulta Popular iniciou um processo de consulta a todos que dela participam.

Reproduzimos aqui a análise da Consulta sobre o momento político brasileiro. A análise encontra-se em documento enviado aos seus militantes nos primeiros dias de abril. Destaca o documento:

1- Estamos vendo se encerrar um ciclo na esquerda e na política brasileira, que dentre outros sintomas, expressa uma crise de credibilidade das instituições de representação política aos olhos do povo e proporciona uma dispersão das forças de esquerda.

2- A centralidade na luta eleitoral não é o caminho mais importante para a acumulação de forças das classes trabalhadoras em vista de transformação estruturais.

3- Ao contrário de eleições anteriores, as eleições presidenciais de 2006 não terão um peso decisivo na mudança da correlação de forças na luta de classes. Será uma disputa de formas de governar, dentro de uma mesma política econômica, não representando uma disputa de projeto.

4- As eleições de 2006 não conseguirão, depois de mais de vinte anos, aglutinar a maioria de esquerda brasileira em torno de uma mesma tática eleitoral. Isto coloca uma situação totalmente nova que exige de nós um debate amplo e sereno, orientado pelos princípios e objetivos estratégicos, construindo a discussão política com liberdade e respeito, que sempre nos caracterizaram e fortalecendo nossa unidade política.

## **O voto em 2006. Nulo? Os debates da Consulta Popular**

O debate interno na Consulta Popular sobre o voto em 2006 tem expressado, até o momento, diferentes opiniões. As posições em debate:

1- O voto em Lula como mal menor e como prolongamento de um tempo de indefinição estratégica e que permita avançar na organização popular.

2 - O voto nulo, como num gesto coletivo e politizador, que aponte para novas formas de disputar poder político, com outros meios que não a institucionalidade ilusória de um tipo de eleição viciada que produz uma democracia de fachada.

3 - A possibilidade do campo político nacionalista-desenvolvimentista viabilizar um candidato a presidente - cenário hoje pouco provável - que poderia levaria a uma avaliação mais profunda em relação a esta opção.

4 - A Construção de uma Frente de Esquerda em torno da candidatura de Heloisa Helena, que acumule forças e propague um projeto socialista.

### **"O governo de Lula traiu as expectativas dos pobres reais do Brasil", afirma D. Pedro Casaldáliga**

"O governo de Lula certamente traiu as expectativas dos pobres reais do Brasil, sobretudo daqueles pobres mais conscientes que não podem conformar-se com as migalhas que o neoliberalismo sabe jogar aos lázaros caídos na porta de um progresso que exclui sistematicamente". A afirmação é de D. Pedro Casaldáliga, bispo emérito de S. Félix do Araguaia em entrevista publicada pela revista espanhola 21RS, 4-4-06.

Segundo D. Pedro, "era de esperar que Lula não poderia transformar o Brasil da noite para o dia. Ninguém vive, hoje, autonomamente independente desse mundo globalizado. Contudo, se poderia exigir dele uma mudança de rumo, uma atenção realmente eficaz nas grandes reformas sociais, como a Reforma Agrária, o combate ao desemprego, uma relativa contestação ao FMI e ao Banco Mundial e que evitasse alianças corruptas e corruptoras".

Perguntado se está decepcionado com Lula, D. Pedro é contundente:

"Sim. O governo Lula fez do poder, da reeleição, o grande objetivo do governo... Um fim proclamado eleitoralmente - que seria o povo das maiorias pobres - justificou meios injustificáveis. E o Presidente ficou desmoralizado, o seu governo, o partido que o elegeu e em grande parte a própria política democrática".

Para D. Pedro, "Lula faz demasiado caso das multinacionais. Precisamos de uma verdadeira reforma".

### **"A África é o calabouço do mundo, um Holocausto continental", segundo D. Pedro**

"A África é o calabouço do mundo, um Holocausto continental", constata D. Pedro Casaldáliga na entrevista supracitada. "Conservo na minha capela uma talha de madeira com o mapa da África crucificada. É o maior desafio da humanidade. E o seu maior pecado. Nem o mundo nem a Igreja podem abandonar a este continente condenado. O meu sonho era morrer na África. Mas, doente e débil, não me atrevi a ir para lá pois seria uma carga para os outros".

# Frases da semana

## Eleições 2006

“O PSDB e o PMDB operam de forma acelerada para reeleger Lula. Acabarão conseguindo.” - Ricardo Noblat, jornalista, no seu blog - 8-4-06.

“Nessa altura do campeonato, nós não precisamos marcar gols. O que não podemos é tomar gol” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 9-4-06.

“Acabou o Lulinha paz e amor” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 9-4-06.

“Essa campanha (eleitoral) será proibida para menores de 21 anos” - Paulo Bernardo, ministro do Planejamento - *Estado de S. Paulo*, 10-4-06.

“Debate entre caseiro e acupunturista pode decidir sucessão presidencial. E que vença o pior!” - Tutty Vasques, humorista - *Nominimo*, 11-4-06.

“Não consigo entender o que Dirceu foi fazer na casa dele pouco antes de Itamar confirmar a pré-candidatura. Creio que não existe acordo entre os dois, mas Itamar foi ingênuo. A visita de Dirceu atrapalhou a candidatura” - Pedro Simon, senador - PMDB/RS - *Zero Hora*, 17-4-06.

## Gre-Nal

“O Gre-Nal foi limpo, jogado na bola, enérgico, mas sem deslealdades, sem arregaços” Ruy Carlos Ostermann, jornalista - *Zero Hora*, 10-4-06.

## Amor e poesia

“O amor finge que morre para fazer escândalo. Ele separa para chamar atenção. Ex-amor não existe, o amor fica contigo, existe ex-marido ou ex-mulher, que são amores despersonalizados. Quem já se separou sabe bem o que é desencarnar” Fabrício Carpinejar, poeta - *Zero Hora*, 10-4-06.

“A poesia é mais música, fácil de despir. A prosa é mais conversa, fácil de vestir. Eu arrebento os botões da camisa com a poesia e os recolho com a prosa” - Fabrício Carpinejar, poeta - *Zero Hora*, 10-4-06.

# IHU em revista

<b>Eventos</b>	<b>pg. 47</b>
<b>IHU Repórter</b>	<b>pg. 58</b>
<b>Sala de Leitura</b>	<b>pg. 60</b>
<b>Carta do Leitor</b>	<b>pg. 61</b>

# II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

“A bem da verdade, podemos dizer que Proudhon não era sequer um socialista, no sentido rigoroso da palavra, nem mesmo um ‘utópico’. Era um reformador social e um anarquista que sonhava com uma França povoada por artesãos e pequenos proprietários”. A declaração é do Prof. Dr. Aloísio Teixeira, da UFRJ, palestrante em 19 de abril no *II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, cujo assunto central é Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), autor de *O que é a propriedade?* (1840) e *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria* (1846). O evento vai das 19h30min às 22h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Na entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, Teixeira disse, ainda, que o anarquismo de Proudhon expressa as linhas mestras de seu pensamento social, alimentando as bases do anarquismo até hoje no horror à democracia, Estado e autoridade.

Atualmente Aloísio Teixeira é reitor e professor titular do Instituto de Economia da UFRJ, além de membro do Conselho Editorial da Revista *Trieb*, publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. É graduado em Economia pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro – Ipanema (Cândido Mendes), mestre em Economia pela UFRJ e doutor na mesma área pela Universidade Estadual de Campinas. De sua vasta produção intelectual, destacamos as seguintes publicações: *A questão da poupança: desfazendo confusões*, co-autoria com Maria da Conceição e José Carlos de Assis. In: Tavares, M.C. e David, M.D. (org.), *A Economia Política da Crise*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982; *A internacionalização do capital e as multinacionais na indústria brasileira*, *Encontros com a Civilização Brasileira*, no 29, vol. III, no 11, 1982; *A economia mundial no limiar do século XXI: o cenário mais provável*, em co-autoria com José Carlos da Rocha Miranda; *Coleção São Paulo no Limiar do Século XXI, volume 1 (Cenários e Diagnósticos - A Economia no Brasil e no Mundo)*. São Paulo: Fundação SEADE, 1992. No setor público, Aloísio Teixeira desempenhou inúmeras atividades, entre elas a diretoria de Planejamento da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), do Ministério de Ciência e Tecnologia, a superintendência da SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento) e a secretaria geral do Ministério da Previdência e Assistência Social.

# Proudhon e os fundamentos do anarquismo

Entrevista com Aloísio Teixeira

## **IHU On-Line - De que forma Proudhon imaginou a sociedade?**

**Aloísio Teixeira** - Proudhon foi um dos mais importantes pensadores do século XIX, no campo da esquerda. Deixou uma obra escrita vasta e diversificada, cuja influência ainda hoje pode ser percebida, particularmente por suas idéias sobre o federalismo e o cooperativismo. Diversas correntes de esquerda da atualidade, consciente ou inconscientemente, adotam pontos de vista semelhantes ao de Proudhon, valendo a pena, portanto, estudá-lo.

Devemos advertir, no entanto, para as dificuldades que enfrentarão aqueles que se dispuserem a lê-lo, pois seus textos encerram profundas contradições. A bem da verdade, podemos dizer que Proudhon não era sequer um socialista, no sentido rigoroso da palavra, nem mesmo um “utópico”. Era um reformador social e um anarquista que sonhava com uma França povoada por artesãos e pequenos proprietários. O centro de suas preocupações era a questão do crédito, vendo no juro a forma por excelência da apropriação da riqueza sem contrapartida de trabalho; imaginava um sistema de empréstimos sem juros, capaz de salvar uma classe de pequenos proprietários já condenada pelo desenvolvimento capitalista. Proudhon não era propriamente anticapitalista, mas pré-capitalista.

## **IHU On-Line - Seu anarquismo era puro?**

**Aloísio Teixeira** - Dificilmente se pode dizer que as idéias de Proudhon eram puras, uma vez que afirmações contidas em alguns de seus textos são desmentidas em outros. Sua obra *Idée générale de la Révolution au XIX<sup>e</sup> Siècle*, de 1851, é considerada uma bíblia do pensamento anarquista. Mas o anarquismo de Proudhon foi a forma que encontrou para expressar as linhas mestras de seu pensamento social, que até

hoje alimentam o arsenal de argumentos do anarquismo:

1. Horror à democracia: Proudhon critica o sufrágio universal, alegando que a questão central não é política, mas econômica e social, e chega a afirmar que democracia “é uma palavra fictícia que significa amor ao povo, amor às crianças, mas não governo do povo”.
2. Horror ao Estado: Proudhon sonha com uma sociedade anárquica, em que o Estado fosse substituído por livres associações de trabalhadores.
3. Horror à autoridade, (da Igreja, do Estado, do Partido), que é a matriz do ideal libertário.

## **IHU On-Line - O que sua contribuição representou para a história econômica mundial?**

**Aloísio Teixeira** - A contribuição de Proudhon para a história do pensamento econômico é relativamente pequena. Maior certamente o será para a história das idéias políticas, da filosofia social e da própria sociologia. Suas idéias sobre o Estado, no entanto, particularmente as formulações sobre sua transformação em uma federação de grupos, ainda hoje influenciam os movimentos federativistas, bem como sua defesa do mutualismo fornece subsídios para o associativismo e o cooperativismo que ressurgem entre defensores da justiça social. Finalmente, não há como não registrar o profundo sentido humanista que marca o pensamento de Proudhon. O problema para ele é, antes de tudo, e sempre, moral, e o objetivo da humanidade é a busca da justiça, vista por ele como eterna e imutável. Em suas próprias palavras, a justiça “é o respeito, espontaneamente sentido e reciprocamente garantido, pela liberdade humana, em relação a qualquer pessoa e em qualquer circunstância na qual esta se encontra comprometida, e seja qual for o ris-

co a que nos exponha a sua defesa”. O progresso é a realização desse ideal e as “revoluções são a manifestação da justiça na humanidade”.

### **IHU On-Line - Qual a importância de sua obra *O que é a propriedade?***

**Aloísio Teixeira** - Marx<sup>44</sup>, em *A sagrada família ou a crítica da crítica contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo, 2003, livro que marca seu rompimento e de Engels<sup>45</sup> com a esquerda hegeliana, dedica páginas e páginas à defesa dessa obra de Proudhon contra os ataques de seus adversários. Chega a dizer: “Proudhon... submete a base da economia política, a propriedade privada, a uma análise crítica e ao mesmo tempo científica. Esse é, aliás, o grande progresso científico feito por Proudhon, um progresso que revolucionou a economia política e tornou possível uma verdadeira ciência da economia política”.

Anos mais tarde, em carta escrita logo após a morte de Proudhon, reconhece que “sua primeira obra, *Que é a propriedade?* São Paulo: Martins Fontes, 1988, é positivamente o que produziu de melhor. Marca uma época (...) Nesse livro, a relação de Proudhon com Saint-Simon<sup>46</sup> e Fourier<sup>47</sup> é mais

ou menos a mesma de Feuerbach<sup>48</sup> com Hegel<sup>49</sup>. Comparado a Hegel, Feuerbach é pobre. No entanto, marcou época depois de Hegel, por ter ressaltado certos pontos (...) importantes para o progresso da crítica e que Hegel deixara em uma semi-obscuridade mística.”

A verdade é que o livro de Proudhon exerceu grande influência em seu tempo e junto com a obra dos “ricardianos de esquerda” na Inglaterra constituiu-se no primeiro esforço sério para desvendar os mistérios da produção da mais-valia. É aí que se encontra a famosa frase: “A propriedade é um roubo”. A afirmativa de Proudhon não tem a ver com a origem da propriedade, mas com o fato de que é ela que torna possível a apropriação do trabalho de outros. Para ele, no entanto — e esse é o seu equívoco — essa apropriação se dá por meio do juro. O que o leva a pugnar pela abolição do juro capitalista, e não da propriedade capitalista.

### **IHU On-Line - Em que pontos eram incompatíveis a sociedade sonhada por Proudhon e o projeto político de Marx?**

**Aloísio Teixeira** - Várias eram as questões que opunham os pontos de vista de Marx e

---

textos, coloca os comerciantes como os causadores da miséria na sociedade e o feudalismo responsável por matar muitos trabalhadores. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>48</sup> **Ludwig Feuerbach** (1804-1872): filósofo alemão, autor, entre outros, dos livros, *Preleções sobre a essência da religião*, São Paulo: Papyrus, 1989 e *A essência do cristianismo*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1997. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>49</sup> **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

---

<sup>44</sup> **Karl Heinrich Marx** (1818 - 1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, no dia 23 de junho de 2005. O *Caderno IHU Idéias*, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>45</sup> **Friedrich Engels** (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se o *Manifesto Comunista* e *O Capital*. Friedrich Engels, grande companheiro de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>46</sup> **Claude Henri de Rouvroy - Conde de Saint-Simon** (1760-1825): filósofo e economista francês, teórico do socialismo utópico. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup> **Charles Fourier** (1771-1837): filósofo e reformador social francês, considerado socialista utópico. Em seus

de Proudhon. A famosa passagem do Prólogo de *A miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon*. Porto: Escorpião, 1976, em que Marx diz que “o senhor Proudhon tem a infelicidade de ser singularmente desconhecido na Europa. Na França, tem o direito de ser um mau economista, porque passa por ser um bom filósofo alemão. Na Alemanha, tem o direito de ser um mau filósofo, porque passa por ser um dos mais fortes economistas franceses” dá bem uma idéia dessas diferenças.

Apesar de dura, a crítica de Marx era correta. Proudhon não conhecia bem os principais trabalhos dos economistas ingleses do final do século XVII e do início do século XIX, pois não lia inglês; e também não conhecia bem os grandes autores da escola filosófica alemã, pois não lia alemão. Segundo seus biógrafos, Proudhon leu Kant<sup>50</sup> em uma tradução francesa e tomou conhecimento de Hegel através de Marx, em 1844, quando ainda eram amigos.

As diferenças entre eles começam pelo conceito da dialética, que para Marx (e para Hegel), consistia no movimento produzido pela contradição entre tese e antítese, que se resolveria em uma síntese superior. Proudhon, ao contrário, recaía em Kant, supondo que oposições e antinomias constituíam a própria estrutura da realidade so-

---

<sup>50</sup> Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado em 2005 o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

cial e que o problema não seria resolvê-las em uma síntese — que eliminaria a realidade — mas buscar um equilíbrio funcional entre elas de modo a permitir a convivência entre as tendências contraditórias.

### **Federalismo pluralista**

Na verdade, é essa construção teórico-filosófica de Proudhon que está na raiz de suas formulações sociopolíticas. Sua crítica ao Estado é análoga à crítica que faz da exploração econômica, o que o leva a afirmar que explorar e governar são a mesma coisa. Mas, como as contradições da vida social não se resolvem em uma síntese superior, Proudhon formula sua doutrina do “federalismo pluralista”. Para ele, esse é o único caminho possível, pois as contradições que integram o núcleo da vida social são irremediáveis. Esse “federalismo pluralista” — é bom destacar — é uma estrutura meramente regulatória, não constituindo, por si só, uma nova ordem econômico-social; sua função é de estabelecer o equilíbrio entre as antinomias, que se expressam nos mais variados domínios. A reforma social para ele se daria assim por meio da eliminação do poder e da política. As idéias econômicas de Proudhon eram coerentes com essa macrovisão e algumas de suas propostas, como a da criação de um banco do povo, sem cobrança de juros, e da determinação dos salários pela quantidade de valor produzido, nos marcos de uma sociedade que preservava a propriedade, eram exatamente o contrário daquilo que pensava Marx.

### ***IHU On-Line - Qual foi a importância da ruptura entre Proudhon e Marx para a história econômica e de que forma ela está explícita na obra *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria?****

**Aloísio Teixeira** - A ruptura entre Proudhon e Marx teve pouca importância para a história das idéias econômicas, embora tenham sido decisivas para o desenvolvimento da luta operária e dos movimentos revolucionários na segunda metade do século XIX. Referimo-nos há pouco à obra de Marx e Engels, *A sagrada família*. Nela podemos observar o impacto de *O que é a*

**propriedade?** Na formação das idéias de Marx. Este, quando foi obrigado, em 1843, a mudar-se para Paris, vítima de repressão às idéias progressistas na Alemanha, anseia desde logo por um encontro com Proudhon, que, na época, vivia em Lion. O encontro entre eles ocorreu ao final de julho de 1844. Jacques Attali<sup>51</sup>, em sua recente biografia de Marx, assim descreve o episódio: “Karl tenta — em vão, segundo depoimento do próprio Proudhon — explicar-lhe Hegel; deixa aterrorizado o mais célebre dos socialistas franceses ao expor-lhe que seria preciso conquistar o poder do Estado pela violência, ali onde a democracia não existisse, para fazer dele o instrumento de uma transformação econômica e social. Proudhon responde-lhe que é possível realizar uma redistribuição equitativa da riqueza por meio de reformas. Ele não quer um “São Bartolomeu” dos proprietários, que os tornaria mártires.” Apesar de, desde esse primeiro encontro, terem ficado explícitas as divergências entre eles, continuaram a se ver por todo o verão de 1844, travando discussões que varavam a noite. Vale dizer que esses encontros se deram antes da elaboração de *A sagrada família*, cuja redação só foi empreendida em outubro daquele ano. Os encontros entre ambos são suspensos quando Marx, expulso da França por pressão do governo prussiano, transfere-se para Bruxelas.

### **Divergências teóricas e ruptura política**

A bem da verdade deve-se dizer que, por maior que fossem as divergências teóricas entre os dois, as principais razões que levaram à ruptura foram, antes de tudo, políticas — ou, mais precisamente, uma consequência da luta de idéias que se travou pela liderança do movimento socialista. Foi nesse campo que os projetos de ambos entraram em choque, azedando a relação entre

---

<sup>51</sup> Jacques Attali (1943): economista francês e um escritor sobre diversos temas, incluindo sociologia e economia mas também romances, biografias e até mesmo livros infantis. Destacou-se também por ter sido conselheiro de François Mitterrand com apenas 27 anos. Destacamos o livro escrito em parceria com Karl Marx chamado *L’Homme du monde*. Paris: Fayard, 2005 (Nota da *IHU On-Line*)

eles de forma irreparável. Tudo começou quando Marx, instalado em Bruxelas, decide, junto com Engels, criar um “Comitê de correspondência comunista”, durante a primavera de 1846. Participam da fundação desse comitê 14 pessoas, entre eles um jornalista alemão, radicado em Nova Iorque, Carl Grün, que foi um dos pivôs do afastamento entre Marx e Proudhon. A história desse Comitê foi marcada por dissensões que levaram rapidamente à exclusão de quatro de seus fundadores, entre eles Grün. Foi nessa época que Proudhon publicou seu *Système des contradictions économiques*, ou *Philosophie de la misère*. Nesse livro, afirma que a História realiza um “trabalho de nivelamento”, que percorre quatro fases: a fase da linguagem, a fase psíquica, a fase revolucionária — “em que o gênero humano procura a teoria de suas leis morais e econômicas e se esforça por realizá-las pela política e pela religião” — enfim, a fase social, em que o princípio econômico se apóia “sobre os dois grandes princípios anteriores da religião e do governo”. Ele distingue a “propriedade” da “posse” para garantir a liberdade individual contra a coerção social: “suprimi a propriedade, mas conservai a posse, e, com essa única modificação no princípio, vós tereis modificado inteiramente as leis, o governo, a economia, as instituições”.

Mesmo depois da publicação desse livro, Marx escreveu a Proudhon (2 de maio de 1846), convidando-o para ser correspondente do Comitê em Paris. Em *post-scriptum*, Marx adverte Proudhon para ter cautela em suas relações com Grün, cuja ação lhe parecia desagregadora em relação ao Comitê. Grün era amigo de Proudhon, e isso certamente levou-o não só a recusar o convite de Marx, mas a responder-lhe em termos duros: “... Não nos façamos chefes de uma nova intolerância, não nos arvoremos em apóstolos de uma nova religião, ainda que seja a religião da lógica, a religião da razão”.

Na mesma carta, Proudhon explicita suas diferenças com Marx em vários campos. Diz ele: “Talvez o senhor ainda conserve a opinião de que nenhuma reforma hoje é possível sem um *coup de main*, sem o que

outrora se chamava uma revolução, e que é apenas uma agitação. (...) Creio que não precisamos disso para triunfar e que, por conseqüência, não devemos colocar a ação revolucionária como meio da reforma social, porque esse pretensão meio seria simplesmente um apelo à força, ao arbítrio — logo, uma contradição. Coloco-me assim o problema: reintroduzir na sociedade, por uma combinação econômica, as riquezas que dela foram extraídas por uma outra combinação econômica. Noutros termos: na economia política, voltar à teoria da propriedade contra a teoria da propriedade (...) Prefiro pois queimar a propriedade em fogo lento do que lhe dar nova força, fazendo com os proprietários uma São Bartolomeu”.

### ***IHU On-Line - Como Marx polemiza com Proudhon em Miséria da Filosofia?***

**Aloísio Teixeira** - Citamos há pouco a célebre passagem com que Marx inicia seu *A miséria da filosofia*. Ela nos dá bem a medida da agressividade com que critica os pontos de vista de Proudhon. Este, por sua vez, não produziu nenhuma resposta às críticas recebidas. Mas em seu exemplar de *A miséria da Filosofia* — incorporado como apêndice nas edições posteriores à sua morte — à margem da página em que Marx afirma: “Mas o que ele não compreendeu é que estas relações sociais determinadas são produzidas pelos homens tanto como o são o algodão, o linho...”, Proudhon anota: “Mentira: é precisamente isso que eu digo. A sociedade produz as leis e os materiais de sua experiência”. E, páginas à frente: “Como vê, tenho a infelicidade de pensar outra vez como o senhor! Acaso alguma vez pretendi que os princípios fossem algo diferente da representação intelectual, não, portanto, a causa geradora dos fatos? A vossa quinta observação é uma imputação caluniosa. O

verdadeiro sentido da obra de Marx é o seu desgosto por eu ter pensado tudo como ele e por tê-lo dito antes dele. Compete ao leitor crer que é Marx que, depois de me ter lido, lamenta pensar como eu! Que homem!”

Anos mais tarde, por ocasião da morte de Proudhon, em carta a J.B. Schweitzer (também referida anteriormente), Marx reafirma suas críticas: “Por muito duro que este juízo pareça, sou obrigado a mantê-lo ainda hoje, palavra por palavra”. Mas faz jus a Proudhon, ao dizer: “... é importante não esquecer que, no momento em que declarei e provei teoricamente que o livro de Proudhon não era senão o código do socialismo dos pequenos burgueses, este mesmo Proudhon era amaldiçoado simultaneamente pelos economistas e pelos socialistas como ultra e arqui-revolucionário. Foi por isso que, mais tarde, nunca juntei minha voz à dos que proclamavam bem alto a sua ‘traição’ à revolução. (...) A sua atitude na Assembléia Nacional só merece elogios, ainda que prove a sua pouca compreensão da situação. Depois da insurreição de Junho, essa atitude era um ato de grande coragem.”

Mais de 140 anos se passaram desde a morte de Proudhon e o encerramento de sua polêmica com Marx. Sem dúvida, não há mais razão para ódios e dissensões e recolocar a obra de Proudhon em uma perspectiva histórica, destacando aquilo que há de original em sua contribuição, bem como seus erros e acertos, pode significar, para o pensamento crítico da atualidade, uma ajuda inestimável para a busca de caminhos visando à superação do quadro de dificuldades com que se defronta a humanidade e nosso país.

# Copa do Mundo e Identidade Nacional em um mundo globalizado

Esse é o assunto do *IHU em Debate* desta quarta-feira, 19 de abril, dentro das atividades do *Quarta com Cultura Unisinos*. O jornalista e comentarista esportivo Ruy Carlos Ostermann, também conhecido como “Professor”, é o palestrante. Com entrada franca, o evento acontece na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping, em Porto Alegre, das 19h30min às 21h30min.

Graduado em Filosofia e Ciências Pedagógicas pela UFRGS, Ostermann já foi técnico e jogador de basquete, professor de Filosofia, político e secretário estadual de Ciência e Tecnologia e da Educação. Hoje, trabalha na *Rádio Gaúcha* e assina uma coluna diária no jornal *Zero Hora*. Ostermann transita da cultura popular à erudita. Foi Personalidade do Livro, eleito pela Câmara Rio-grandense do Livro e Patrono da Feira do Livro de Porto Alegre (2002). Tem onze livros publicados, dentre os quais *Meu coração é vermelho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999 e *Até a pé nós iremos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000, em que relata a história do Internacional e do Grêmio. Escreveu, também, *Felipão — Alma do Penta*. Porto Alegre: ZH Publicações, 2002. Apresenta o *talk-show Encontros com o Professor*, no qual recebe a cada quinze dias um expoente da cultura gaúcha para uma conversa informal com a participação do público. A atividade acontece no Studio Clio, Rua José do Patrocínio, 698, em Porto Alegre, com entrada franca. Maiores informações podem ser obtidas no site [www.encontroscomoprofessor.com.br](http://www.encontroscomoprofessor.com.br).

Sua carreira começou em 1962, na *Rádio Guaíba*. A primeira grande cobertura foi na Copa do Mundo de futebol da Inglaterra, em 1966, como comentarista da *Rádio Guaíba*. Em 2002, no Japão e na Coréia, Ruy faz a cobertura de seu décimo mundial, completando 40 anos de trabalho no rádio. Desde a época de estudante, se interessou por política. Em 1964, ano do golpe militar, era professor na UFRGS, na faculdade de Filosofia, quando foi cassado. Entrou oficialmente para a política em 1982, como deputado estadual. Se reelegeu em 1986, mas assumiu a secretaria de Ciência e Tecnologia, e depois a de Educação.

# Copa: síntese da identidade nacional

## Entrevista com Ruy Carlos Ostermann

**IHU On-Line - Por que a Copa do Mundo desperta questões identitárias nacionais? Que mecanismos ajudam nessa construção?**

**Ruy Carlos Ostermann** - A Copa é uma síntese dos pensamentos mais antigos sobre a identidade nacional. Tem o ritual, por isso: a cor da camisa, que identifica a cor ou cores nacionais, a nacionalidade indispensável dos jogadores ou sua adoção de nacionalidade, o hino nacional que antecede e precede os grandes acontecimentos, as bandeiras hasteadas, e o enorme esforço da mídia por bem caracterizar esse orgulho nacional.

**IHU On-Line - O brasileiro sente-se mais brasileiro na Copa do Mundo? Como ficam os sentidos de alteridade em relação aos outros países?**

**Ruy Carlos Ostermann** - Abaixo esse sentimento de reconhecimento do outro, há um deslocamento do eixo de relações: os outros são adversários, nunca mais serão vizinhos, ao menos enquanto durar a Copa do Mundo. É patética a relação de proximidade e vizinhança na fronteira gaúcha, por exemplo. Terminada a Copa, se nada de incomum tiver acontecido, se não que simplesmente o futebol, todos voltam a ser o que eram antes da Copa.

**IHU On-Line - Como o local e o global se manifestam em tempos de Copa do Mundo?**

**Ruy Carlos Ostermann** - O provincianismo, uma das formas degradadas da nacionalidade, é dominante, justifica os piores conceitos, e é reducionista, quase paroquial. A globalidade, como expansão e forma de compreensão ex-

pandida, fica suspensa durante a Copa, ou toma outras formas, geralmente dispersivas, preservado o núcleo da desavença para o conflito direto, o jogo, a decisão.

**IHU On-Line - Acredita que, no caso brasileiro, o futebol seja o maior aglutinador da população? Por quê?**

**Ruy Carlos Ostermann** - O futebol, como a música popular, é o acontecimento mais próximo e fecundo do que se deve considerar como uma das formas da brasilidade. Tem um estilo inconfundível, nossos jogadores parecem expressar uma profundidade social de integração e discurso de identidade. E como todos os entendem nos seus aspectos de competição e jogo, nada pode aproximar mais as pessoas e fazê-las ficar orgulhosamente do mesmo lado.

**IHU On-Line - Como entender o orgulho de ser brasileiro em função da disputa da Copa, quando ele não existe ou existe em pequena escala em outros aspectos do nosso cotidiano?**

**Ruy Carlos Ostermann** - O futebol não é a política, nem os costumes ou a cultura letrada: é uma manifestação visceral, próxima da sensibilidade e do orgulho das pessoas. O que dele emerge é diferente de quaisquer outras raízes brasileiras. É simples, direto e consensual.

**IHU On-Line - O que pode significar politicamente a transmissão da Copa do Mundo num ano eleitoral como 2006?**

**Ruy Carlos Ostermann** - Dificilmente servirá como reafirmação de Lula e de seus opositores, posto que é outra coi-

sa que não a política, não decorre dela, e toda reutilização da Copa é como aconteceu na Argentina, em 1978, de Rafael Vidella e a mais feroz ditadura militar: Pareceu que o povo estivesse nas ruas, e alegre, mas acabou em casa. O efeito do futebol como fator de alienação é mágico e efêmero. Não dura até as eleições - e todos serão os vencedores, se for o caso.

***IHU On-Line - De que forma a rivalidade futebolística pode resultar em estereótipos de suas populações, como no caso Brasil e Argentina?***

**Ruy Carlos Ostermann** - O futebol se resolve melhor do que a rivalidade das fronteiras ou a do petróleo: é um jogo, extingue-se e fica como memória e dignidade, mas não provoca o tumulto das ruas nem a invasão das fronteiras. Ele se esgota no estádio e em alguns jornais populistas.

***IHU On-Line - Como avalia a derrota da Seleção Brasileira em 1998 e o que ela significou para o imaginário popular do futebol?***

**Ruy Carlos Ostermann** - O que ficou foi a imagem de Ronaldo, O Fenômeno, com espasmos, uma história mal contada e misteriosamente guardada em sigilo médico. Os episódios contraditórios do jogo de decisão Brasil x França reduziram bastante a obriedade da goleada francesa e o fracasso brasileiro. Afinal, havia um homem doente...

***IHU On-Line - Qual é a posição do locutor e do comentarista de futebol na construção dessa identidade nacional e de expectativas em relação à vitória?***

**Ruy Carlos Ostermann** - São os promotores de uma emoção cívica, sabem identificar os vilões, sempre do outro lado, constroem a figura do juiz mal-intencionado, e mesmo que a TV mostre mais ou diferente do que se diz, o discurso demagógico geralmente é o que prevalece, mas sem os créditos do torcedor. A TV criou uma imagem reguladora, embora sempre esteja a serviço da manipulação pelos interesses esportivos e por outros.

## A música silenciosa do Dharma

### Entrevista com Antônio Carlos de Madalena Genz

Nesta quinta-feira, 20 de abril, o assunto do *IHU Idéias* é *A música silenciosa do Dharma: um estudo antropológico das práticas e representações de uma comunidade zen budista em Porto Alegre*. O palestrante é o coordenador cultural da Livraria Cultura, de Porto Alegre, Antônio Carlos Madalena Genz, mais conhecido por Tom Madalena. A atividade vai das 17h30min às 19h na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, com entrada franca.

Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, Tom revela que “o budismo, do ponto de vista de um enraizamento na cultura brasileira, ainda é um fenômeno muito novo. Existe mais curiosidade, encantamento e deslumbramento do que qualquer outra coisa. O que não quer dizer que não haja praticantes comprometidos e com grande conhecimento e prática do budismo. Em termos coletivos, porém, de um ponto de vista social, o budismo no Brasil ainda está numa fase inicial de namoro”. O tema é resultado da pesquisa de mestrado que Tom defendeu no curso de Antropologia da UFRGS, em 2004. Confira a íntegra da entrevista.

#### ***IHU On-Line* - Quais foram as conclusões a que chegou com a pesquisa sobre a recepção do budismo no Brasil com um grupo de praticantes sem vínculos étnicos com os países de origem dessa religião?**

**Antônio Madalena** - Como qualquer trabalho, no caso acadêmico, em uma área em que ainda não existe uma grande massa crítica de pesquisas sobre a temática, as conclusões são muito mais novas interrogações do que propriamente “conclusões”. Minha pesquisa foi sobre o budismo zen, em Porto Alegre, num período em que estava presente o Roshi Moriyama, um autêntico mestre zen japonês. E, embora não tenha feito campo em uma comunidade budista tibetana, meu

contato com praticantes e conhecimento dessa forma de budismo permite afirmar que são duas formas bastante diferentes de budismo. Embora os budistas possam dizer que, na essência, é a mesma coisa e usar de todo um discurso (e o mais interessante: que não deixa de ter sua pertinência), há entre essas duas formas de budismo diferenças suficientes que não permitem ao pesquisador afirmar coisas do tipo “no Brasil o budismo é tal e tal”.

Só para o leitor não ficar sem nenhuma idéia do que estou falando, o zen budismo é uma forma muito enxuta no que diz respeito a rituais, quase iconoclasta também. Já o budismo tibe-

tano é permeado, mais que isso, inflacionado, de rituais, de um respeito à hierarquia. Uma conclusão é que o budismo, do ponto de vista de um enraizamento na cultura brasileira, ainda é um fenômeno muito novo. Existe mais curiosidade, encantamento e deslumbramento do que qualquer outra coisa. O que não quer dizer que não haja praticantes comprometidos e com grande conhecimento e prática do budismo. Coletivamente, porém, de um ponto de vista social, o budismo no Brasil ainda está numa fase inicial de namoro.

***IHU On-Line - Como acontece a assimilação dos ensinamentos budistas nesse grupo?***

**Antônio Madalena** - Em geral, os brasileiros sem vínculos étnicos, algo que vale para ocidentais de uma maneira geral, conhecem o budismo pelos livros. A literatura budista é uma porta de entrada. Sendo assim, o contato com um mestre e a prática da religião se tornam um momento de... ou propiciam a passagem de um conhecimento puramente intelectual para a apropriação mais ampla e real do que é de fato o budismo.

***IHU On-Line - O que a escolha pelo budismo pode demonstrar sobre o sujeito pós-moderno?***

**Antônio Madalena** - Sem entrar na discussão sobre pós-moderno, acho que mostra uma das conseqüências da modernidade como projeto de emancipação do sujeito. Também nessa esfera da vida, a religião torna-se um direito e uma opção, com todas as suas conseqüências. A busca de uma religião passa a ser também um ingrediente na construção de um papel identitário naquilo que se pode denominar de sociedades complexas, em que a identidade dos sujeitos não está dada, digamos, *a priori*, pelos papéis estabelecidos pela tradição.

***IHU On-Line - O que significa dizer que o caminho espiritual ou a filosofia de vida do budismo pode ser ressignificado?***

**Antônio Madalena** - Basicamente que o budismo pode ser assimilado por sujeitos, sérios em seu comprometimento com ele, sem que esses sujeitos se vejam como sujeitos religiosos. Em outras palavras, o budismo é muito plástico nesse sentido e pode ser assimilado como uma filosofia de vida, um caminho espiritual desvinculado do que habitualmente se conceitua como religião.

Sob esse aspecto o budismo está muito próximo, senão dentro, da corrente das espiritualidades denominadas Nova Era<sup>52</sup>, em que há um sentido de busca do espiritual com base na perspectiva de construção do *self*.

---

<sup>52</sup> **Nova Era ou New Age:** O Movimento Nova Era ou *New Age* tem muitas subdivisões, mas é geralmente uma coleção de sistemas de ensino metafísicos de influência oriental, um conglomerado de teologias, esperanças e expectativas mantidas juntas com um ensino eclético de salvação, "pensamento correto" e "conhecimento correto". É uma teologia de "bem-estar", "tolerância universal" e "relativismo moral". Retirado de "[http://pt.wikipedia.org/wiki/New\\_Age](http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Age)". (Nota da *IHU On-Line*)

## Cristina Orsolin Klingenberg



As mudanças geográficas, pelas quais passou quando criança, marcaram fortemente sua personalidade. A facilidade de adaptação às mais diversas situações e a habilidade em tratar as relações humanas são uma herança evidente deste período. Quando estava concluindo a graduação percebeu que gostava mesmo do mundo acadêmico e deu um jeitinho de ir ficando por aqui. Graduada em Administração de Empresas e mestre em Administração pela Unisinos está há 11 anos, praticamente ininterruptos, na Universidade. Ingressou como aluna em 1995 e hoje é coordenadora do curso de Administração Hospitalar. Neste bate-papo vamos conhecer um pouco mais sobre a Prof.<sup>a</sup> MS Cristina Orsolin Klingenberg.

**Origens** – Nasci em Lajeado, porém morei pouco tempo lá. Meu pai, Faustino, era gerente da Caixa Econômica Federal e nos mudávamos muito, a cada quatro anos, em média. Logo que nasci fomos morar em Palmeira das Missões e depois de lá passei por várias cidades, como São Luiz Gonzaga, Carlos Barbosa, Montenegro, Campo Bom, Novo Hamburgo, Porto Alegre e por aí vai. Brinco com os alunos porque, quando eles dizem de onde são, normalmente já morei lá também. Quando meu pai veio para Montenegro nos aproximamos mais dessa região e fiz vestibular na Unisinos. Na verdade, lembro que o vestibular foi no dia da mudança. Durante a graduação, morei em Campo Bom, trabalhava em Porto Alegre e à noite vinha para cá.

**Família** – Meu pai era gerente de banco, minha mãe, Ana, tinha uma loja. Era uma forma de ela manter um negócio meio itinerante. A cada mudança carregava tudo. Tenho dois irmãos, um mais velho que fez Publicidade e Propaganda aqui e mestrado em Administração aqui também. Não dá aula, mas está no mercado. Minha irmã fez Psicologia e está participando do processo seletivo para fazer o mestrado na mesma área também na Unisinos. O irmão caçula faz Economia e agora está num intercâmbio na França. Somos super apegados à família.

**Experiências** – O que de mais marcante ficou foram as amizades que fiz e as culturas diferentes que conheci. Precisávamos nos esforçar, meus irmãos e eu, para entrarmos em grupos de amigos que já estavam formados. Isso nos marcou muito, chegávamos à escola e todos já tinham seus grupos estabelecidos, sempre sobrávamos. Tínhamos que negociar, achar pessoas que tivessem a ver conosco e tentar furar a barreira. Quando já estávamos integrados, era hora de mudar novamente. Por um lado, isso foi bacana porque nos deu toda uma habilidade para relacionamentos. Temos uma facilidade para conversar com as pessoas, para adaptar-nos a qualquer lugar. Por outro lado, houve o sofrimento de ter de deixar os amigos para trás, sempre que acontecia uma nova mudança. Muitos deles eu reencontrei aqui na Unisinos. Hoje vejo que essa coisa de não ter muito lugar fixo é o que mais marca minha personalidade como profissional, como pessoa e sentimentalmente mesmo. A cada quatro anos nós, só tínhamos a nos mesmo, e isso fez os irmãos ficarem muito amigos e muito ape-

gados ao pai e à mãe. Meus pais moram em Novo Hamburgo, eu em Porto Alegre, mas uma vez por semana dou um jeitinho de almoçar com eles. O domingo é o dia de reunirmos toda a família para o tradicional churrasco.

**Casamento** – Minha história de casamento é meio doida. Conheci meu marido na Claro. Namorávamos há 11 meses, e ele recebeu uma proposta para trabalhar nos EUA. Conversamos, e ele disse que só iria se eu pudesse acompanhá-lo. Era só o tempo de conseguirmos os vistos e iríamos. Eu estava no mestrado e fui tocando, não dava para esperar, na hora que saísse o visto teríamos de ir. Ele ia trabalhar e eu nem matriculada estava em nenhuma instituição lá. Casamos para resolver esse empecilho burocrático e deu muito certo. Continuamos cada um morando na casa dos pais porque não adiantava montarmos uma casa aqui podendo ir viajar a qualquer momento. Nesse meio tempo, aconteceu o 11 de setembro e a vaga nos EUA foi cancelada. Fomos morar juntos um ano depois de casados.

**Trajetória profissional** – Sempre quis fazer Medicina. Eu fazia cursinho, e meu irmão mais velho sempre dizia que eu tinha que pensar bem, me imaginar trabalhando num hospital, me imaginar fazendo as atividades que eu havia escolhido. O vestibular começou a se aproximar e comecei a ficar na dúvida. Meu pai, que é formado em Economia, me aconselhava a fazer Administração. Argumentava que era um curso bom, que ia me dar uma boa base para tudo. Comecei a pensar, estudar um pouco e ler algumas revistas que o pai assinava e gostei. Quando comecei a cursar, me dei conta que o curso tinha a ver mesmo comigo. Fiz alguns estágios em empresas como Brahma e Sonae. Foi um período importante em que aprendi muito. Nessa época descobri que gostava da área de logística.

**Universidade** – Quando eu estava acabando a graduação, comecei a perceber que não queria me afastar da universidade, passei a sentir saudade antes mesmo de sair. Inicialmente eu queria fazer uma especialização para não ficar afastada. Meu pai me deu força para fazer um mestrado porque dizia que isso me daria outras possibilidades. Decidi fazer e disse a mim mesma que se atrapalhasse minhas atividades na empresa eu pararia. Na época, eu era *trainee* na Claro, e o mestrado foi tão legal que fiz o inverso, acabei optando só por ele. Fui da primeira turma de mestrado em Administração só da Unisinos, antes havia uma parceria com a PUC-Rio. Concluí minha graduação em 1999, entrei para o mestrado em abril de 2000, em dezembro de 2001 defendi minha dissertação e em fevereiro de 2002 fui contratada para dar aula. Digo que a Unisinos é a instituição em que mais tempo passei durante toda a vida. Estou aqui há 11 anos, ingressei como aluna em 1995. Nunca fiquei mais de três ou quatro anos em nenhuma cidade, trabalho ou escola.

**Autor** – Vinicius de Moraes

**Livro** – *Mauá: Empresário do Império*, de Jorge Caldeira.

**Filme** – *Edukators*, de Hans Weingartner

**Presente** – CDs e DVDs

**Música** – MPB

**Unisinos** – A universidade é uma instituição bastante séria e que está tentando se modernizar. A Unisinos está se redesenhando, se reconstruindo, e essas mudanças são importantes para a sua continuidade.

**Instituto Humanitas Unisinos** – Conheço pouco sobre o instituto. Sei que há algumas palestras e eventos, mas não sei exatamente qual a missão central do trabalho. Conheço um pouco mais sobre o programa **Repensando os Clássicos da Economia**, o professor Gilberto Faggion, coordenador do programa, é professor aqui na área de administração.

## Sala de Leitura

Estou lendo *Elementos Básicos de Filosofia*, de Nigel Warburton (Lisboa: Gradiva, 1998). Trata-se de um livro de introdução à filosofia. Segundo o seu autor, o principal objetivo do livro é oferecer ao leitor instrumentos para pensar por si próprio sobre temas filosóficos. O autor é bastante feliz, pois a obra oferece uma leitura bastante fácil sem ser superficial. Inicialmente apresenta uma breve introdução sobre a filosofia e sua história e depois analisa várias questões filosóficas que podemos destacar, como Deus, fé e livre-arbítrio, política, igualdade, democracia e liberdade. O mundo exterior e ceticismo. Ciência, problema da indução e “falsificacionismo”. Mente e problema mente-corpo. O capítulo em que mais me detive foi o sobre o bem e o mal, em que são tratados problemas morais e éticos, destacando-s a ética cristã, consequencialismo, ética kantiana, utilitarismo e teoria da virtude. É uma boa leitura para todos, filósofos e não-filósofos.

**Prof. MS João Batista C. Sieczkowski, professor na área de Ciências Humanas da Unisinos.**

Estou lendo no momento *O Aluno Virtual*, de Rena M. Palloff e Keith Pratt (Porto Alegre, Artes Médicas, 2004). Neste livro, os autores discutem o ensino *online* de uma forma bastante direta e objetiva por meio de exemplos práticos. Isso permite compreender como se processa o ensino a distância. O livro é mais do que um simples guia, ele discute temas, como avaliação, interação, gerenciamento do tempo, gerenciamento de atividades, enfim, questões importantes para todos os que estão envolvidos em atividades de EAD - Ensino a Distância. Ainda que as experiências apresentadas sejam de uma realidade norte-americana, muitas das considerações e conclusões são pertinentes para a nossa. A importância do livro está na atualidade do tema, pois a oferta de cursos baseados no EAD tem crescido, exigindo uma reflexão constante sobre as potencialidades desta forma de educação. Além disso, é um excelente ponto de partida para todos que pretendem utilizar-se desta nova ferramenta, concebendo modelos adequados ao aluno brasileiro.

**Prof. Dr. Marcus Vinícius Beber, professor no Instituto Anchieta de Pesquisas e no Curso de História da Unisinos.**

# Cartas do Leitor

"Encontrei, afinal, o Amado de minha alma. Segurei-o e não o soltarei" (Ct 3,4)

Amigos,

Nossa semana santa foi, aqui em Juiz de Fora, mais densa e triste. Perdemos uma grande amiga, também professora no nosso programa de pós-graduação em Ciência da Religião. A professora Vitória Peres sofreu um acidente ao sair na quarta-feira de Juiz de Fora. Ela estava dirigindo-se para São Pedro da Barra e ia se encontrar com amigos de sua comunidade. Durante a viagem, sofreu um acidente e não resistiu aos ferimentos. Ela trabalhava com muita competência o tema do Islã e da mística sufi. Participou com muita generosidade da entrevista para a IHU On-Line, no número especial sobre campo religioso brasileiro. Agora encontra-se nos braços do Amado e nas teias de Sua delicadeza.

Um abraço carinhoso para vocês e uma páscoa de muita esperança e alegria.

**Faustino Teixeira (Dudu). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.**

Vitória Peres de Oliveira era docente no Departamento de Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ela concedeu duas entrevistas para a revista *IHU On-Line*. Uma, sobre a presença islâmica no Brasil, foi publicada na edição número 169, de 19 de dezembro de 2005. A outra, sob o título *O silêncio da mística Sufi*, foi veiculada na edição número 133, de 21 de março de 2005.

Vitória era graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). cursou mestrado em Antropologia Social na Unicamp e doutorado em Ciência da Informação na UFRJ.



*IHU On-Line* lamenta profundamente esta perda.